

# REVISTA CAMBOTA

Ano XXIX Nº 253

## Desafios atuais para as Agroindústrias Familiares

Um estudo a partir do Projeto Vida na Roça

O processo de implementação de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Sustentável, aponta claramente para a necessidade e a importância, da agricultura familiar investir na implantação de pequenas agroindústrias.

No entanto, o processo de constituição de pequenas agroindústrias levanta uma série de questões que dificultam ou muitas vezes até inviabilizam a sua implementação. Os principais problemas enfrentados pelos agricultores familiares que fazem parte deste processo ou pretendem iniciá-lo são referentes à questão previdenciária, ao processo de legalização das agroindústrias, a legislação fiscal e sanitária. Atualmente, a legislação para as pequenas e grandes agroindústrias é a mesma.

As Agroindústrias Familiares constituem-se numa das importantes formas de fortalecimento da Agricultura Familiar porque agrega valor à produção, gera emprego e modifica as condições de trabalho no campo. A Agricultura Familiar é um dos setores da economia com boa capacidade de geração de riqueza e de agregação de valor a essa riqueza, no entanto, os agricultores precisam apropriar-se dela.

Além dessa grande capacidade de agregar valor aos produtos industrializados, as agroindústrias geram uma nova condição de vida e trabalho, criando novos caminhos para as famílias dos agricultores familiares, contribuindo assim, para a diminuição da migração rural para centros urbanos, principalmente, dos jovens. As agroindústrias rurais priorizam a mão-de-obra familiar e dinamizam o espaço rural e os municípios.

## Agroindústrias no Projeto Vida na Roça

Um estudo sobre as agroindústrias familiares, no Projeto Vida na Roça, procurou verificar, entre cinco formas Jurídicas de Organização, qual seria a forma mais adequada para os Agricultores Familiares sob os pontos de vista organizativo, tributário e previdenciário.

A questão previdenciária está relacionada à condição de Segurado Especial. Os agricultores e as agricultoras perdem essa condição quando possuem uma agroindústria.

As formas Jurídicas estudadas foram: Micro Empresa, Sociedade Cooperativa, Associação, Condomínio e Associação Fábrica do Agricultor. Buscamos também analisar as implicações decorrentes da Lei Previdenciária para os Agricultores Familiares que estão organizados em Agroindústrias, como também, procuramos conhecer a forma gerencial utilizada pelas mesmas, a fim de contribuirmos na superação dos limites e das dificuldades decorrentes do processo de agroindustrialização.

Ao analisarmos a forma jurídica mais viável para a legalização de uma Agroindústria Familiar ou de Pequeno Porte, concluímos que cada forma jurídica estudada tem suas particularidades, sendo mais adequada sob um aspecto, enquanto traz desvantagens sobre outros. Temos vantagens tributárias federais sendo Micro Empresa, temos vantagens organizativas sendo Sociedade Cooperativa ou Associação e temos vantagens tributárias estaduais e organizativas sendo Associação Fábrica do Agricultor. Porém, em todas as formas, perde-se a condição de Segurado Especial da Previdência.

Uma necessidade comum de todas é o apoio do setor público (municipal, estadual e federal) para essas iniciativas, pois elas se colocam como uma das maiores e mais baratas alternativas de combate à migração rural para centros urbanos e também ao desemprego no Brasil. Esta vantagem é esvaziada quando estas famílias sentem-se ameaçadas com a perda da condição de Agricultor Familiar e, conseqüentemente, a condição de Segurados Especiais.

A Micro Empresa é uma forma jurídica possível para a legalização de uma agroindústria de pequeno porte sendo, do ponto de vista tributário, a forma mais viável. Porém, mais uma vez o problema

está na questão da legislação previdenciária. Essa modalidade tem um cunho empresarial não sendo adequada para a realidade do Agricultor Familiar pois, nesse caso, ele estaria equiparado a um empresário urbano.

A organização dos agricultores em Cooperativas para fazer a transformação e comercialização de seus produtos é uma alternativa que tem demonstrado bons resultados. Porém, uma das dificuldades encontradas é que para sua constituição são necessários no mínimo 20 associados e, em geral, as pequenas agroindústrias são familiares ou com um número menor de pessoas envolvidas. Neste sentido, a organização em cooperativas muitas vezes torna-se inviável.

A Associação é uma forma possível, embora havendo diferentes formas de interpretação principalmente no que se refere aos tributos federais. Do ponto de vista tributário, ela tem isenção de praticamente todos os Impostos Federais, com exceção do PIS e INSS Patronal sobre a Folha de Pagamento no caso de possuir empregados. No Estado ela obedece a tributação conforme as outras empresas e não beneficia-se do crédito do ICMS devido ao fato de comprar a matéria-prima *in natura* diretamente do produtor. Do ponto de vista previdenciário, o representante legal da Associação, perde a condição de segurado especial.

O Condomínio, caracteriza-se, como uma sociedade “de fato” e não “de direito”. Desta forma o Condomínio, por não se caracterizar como uma pessoa jurídica de direito, não pode ter inscrição estadual e não pode desenvolver atividades comerciais, principalmente. Neste sentido o condomínio, conforme os dispositivos legais, não pode desenvolver atividades de comercialização de produtos. O Condomínio é, portanto, uma forma de organização possível para os agricultores familiares, mas inadequada para a agroindústria.

O Programa Fábrica do Agricultor tem como principal objetivo a agregação de valor aos produtos dos Agricultores Familiares. Seu público é o agricultor familiar. Este programa foi criado com o intuito de desburocratizar o processo de legalização das agroindústrias familiares, evitando assim que os agricultores que transformam e comercializam produtos não permaneçam clandestinos no mercado. Porém, é um programa novo e que ainda está passando por ajustes. As primeiras unidades enquadradas neste programa tiveram uma série de dificuldades para seu enquadramento. Para enquadrarem-se neste programa, os Agricultores Familiares deveriam estar organizados em Associação, neste sentido, gozando das mesmas isenções tributárias no âmbito federal de uma Associação. Entre as possibilidades de enquadramento jurídico para as agroindústrias familiares, esta apresenta-se como a forma mais adequada para a condição dos agricultores familiares.

### **Segurado Especial da Previdência Social.**

Em relação à Previdência Social com a criação da Lei 8.212/91, foi criada a categoria de segurado especial da Previdência Social, o qual classifica como “*Segurado Especial: o produtor, o parceiro, o meeiro e arrendatário rurais, o pescador artesanal e o assemelhado, que exerçam essas atividades individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de terceiros, bem como seus respectivos cônjuges ou companheiros e filhos maiores de quatorze anos ou a eles equiparados, desde que trabalhem, comprovadamente, com o grupo familiar respectivo.*”

A partir de maio de 1999, o Decreto 3.048 publicou a mais recente regulamentação da Previdência Social, o qual acrescenta ainda a definição de auxílio eventual de terceiros: “Entende-se como auxílio eventual de terceiros o que é exercido ocasionalmente, em condições de mútua colaboração, não existindo subordinação nem remuneração”.

Portanto, para a Previdência Social, é Segurado Especial o Agricultor que produz apenas com a família, sem o uso de empregados e sem que tenha outra renda, que não aquela oriunda da atividade agrícola obtida com a família. Não deverá ter rendas de arrendamento rural, por exemplo.

Esse é um dos grandes limites enfrentados pelos agricultores familiares tendo em vista que, ao legalizarem suas agroindústrias, os agricultores perdem a condição de Segurado Especial da Previdência Social, perdendo assim os benefícios decorrentes desta condição. Isso tem levado os agricultores a permanecerem na ilegalidade ou muitas vezes encontrando algum subterfúgio para fugir desse problema, trazendo perdas econômicas para eles no que se refere à agregação de valor aos produtos e também para a economia do município e da União, tanto na arrecadação de impostos como no crescimento da economia

local e do país.

Esta Lei possui um caráter muito restritivo e inadequado à atual realidade da agricultura familiar e acaba impedindo a organização dos Agricultores à medida que seus representantes legais perdem a condição de Segurado Especial. Este problema também não foi resolvido com a Fábrica do Agricultor.

### **A Gestão das Agroindústrias Familiares**

Sob o aspecto da gestão, a pesquisa apontou para um grande grau de dificuldade na gestão das agroindústrias familiares. A informalidade nas formas de controles internos e a falta de transparência e socialização das informações, mostrou ser uma grande dificuldade e um limite vivido dentro das unidades pesquisadas, principalmente nas organizadas em forma associativa. Porém, esses fatos acabaram despertando para uma nova organização na gestão interna, bem como, possibilitou o debate, a discussão e maior envolvimento de todos os membros dessas Associações na gestão das mesmas. Evidenciou-se também, uma enorme carência de acompanhamento técnico sistemático às unidades estudadas.

Existem diversos fatores que influenciam a gestão de uma agroindústria familiar, seja qual for a sua forma de organização. Ao trabalhar a gestão das agroindústrias familiares, deve-se levar em consideração as diferenças culturais existentes, como também as diferentes maneiras desses agricultores em lidar com todos os segmentos envolvidos em um processo de agroindustrialização, a fim de que não se tente impor formas e conceitos de gestão não condizentes com a realidade do agricultor familiar.

### **A Legalização das Agroindústrias Familiares**

O aspecto da legalização para as agroindústrias familiares é um ponto muito duvidoso que, muitas vezes, limita a existência ou a expansão das mesmas. Para os agricultores, o processo é muito burocrático e, muitas vezes, faz com que os agricultores atuem na clandestinidade. Outra dificuldade comum entre todas é a equiparação da legislação para a agroindústria de pequeno, médio e grande portes. Existem aspectos que devem ser tratados da mesma forma, como é a questão de higienização e sanidade. Já os aspectos de equipamentos, construção e encargos deveriam ser diferenciados, pois para uma pequena unidade, como está a legislação hoje, acaba tornando-se inviável.

### **Renda, Cidadania e Qualidade de Vida**

A atividade de transformação de produtos, aparece como responsável pela renda total dos componentes de duas das quatro agroindústrias pesquisadas. Tendo a participação de 04 famílias, e um total de 21 pessoas envolvidas diretamente na atividade. Conforme relatado pelas famílias dessas duas agroindústrias, nos cinco anos de atividade, economicamente, só tiveram progresso. É visível a evolução econômica dessas famílias e sua tranqüilidade em relação à renda mensal, independente das intempéries. Nota-se também, o nível de satisfação das famílias e o seu envolvimento social na comunidade. Conforme relato de um Agricultor: “Para nós a dimensão da cidadania nos traz satisfação pois, a partir do momento que temos um produto no mercado, somos conhecidos como o produtor daquele determinado produto. E, para nós, como cidadãos, isso é muito importante. Afinal, se vendêssemos o leite para o laticínio, quem compraria esse leite no supermercado só conheceria o nome do laticínio, o produtor do leite desapareceria no processo”.

Para os agricultores, um aspecto que precisa ser melhor trabalhado, no processo associativo, é a relação entre o trabalho e o econômico das famílias, bem como a cooperação. Além do impacto econômico, destaca-se também o aspecto social, através da relação criada entre as famílias e o envolvimento na comunidade, isso é muito visível. Existiam famílias, que nem participavam da vida da comunidade e hoje estão envolvidas nas atividades comunitárias.

As agroindústrias familiares são geridas pelos próprios agricultores. Neste sentido é fundamental investir na formação para que eles possam apropriar-se das informações tanto gerenciais, como da legislação vigente para sua atividade. A comercialização e apresentação dos produtos também são fatores fundamentais para a ampliação do mercado. Ao fortalecer um processo em que o produtor tem um maior domínio sobre a sua produção, proporciona um maior elo de ligação entre o produtor e o consumidor e aumenta a valorização da agricultura familiar.

Outro fator importante observado neste estudo é a incorporação do aspecto agroecológico na produção e agro industrialização dos produtos. Isso mostra que os produtores também estão preocupados com a saúde dos consumidores e a preservação do meio ambiente.

A agroindústria familiar, além de agregar valor aos produtos, ampliando a renda e gerando empregos no campo, contribui para o desenvolvimento local à medida em que passa a atender o princípio da sustentabilidade. Ao gerar renda para as famílias do campo, ela amplia os direitos de cidadania dos agricultores envolvidos no processo.

Neste sentido, é importante que a luta dos agricultores familiares, em relação ao processo de agroindustrialização, seja em função de garantir políticas públicas específicas para as Agroindústrias Familiares, diferenciadas das Grandes Agroindústrias. Essa luta deve acontecer, também, em função de criar novas leis sanitárias, fiscais e previdenciárias, ou modificações das leis existentes, que hoje dificultam ou inviabilizam o processo de legalização das pequenas agroindústrias.

\*\*\*

### ***350 pessoas participam do Encontro em Passo Fundo***

Durante os dias 13, 14 e 15 de maio, em Passo Fundo, aconteceu o 4º Encontro Ampliado da Rede Ecovida de Agroecologia. O evento reuniu cerca de 350 pessoas, entre agricultores familiares, técnicos e consumidores envolvidos com a produção, assistência técnica e consumo de produtos ecológicos nos três estados do sul do Brasil. Durante o Encontro foram discutidos temas como a organização de agricultores e consumidores, a comercialização solidária de produtos ecológicos e a certificação participativa. Os Encontros da Rede Ecovida ocorrem a cada dois anos. O último foi realizado em Francisco Beltrão, no Paraná.

Como parte da programação, foi realizado o ***1º Seminário Sul Brasileiro de Comercialização Solidária de Produtos Ecológicos***, reunindo todos os grupos e organizações integrantes da Rede.

Um outro destaque do Encontro foi a ***Feira de Sabores e Saberes***, com a exposição e comercialização de alimentos produzidos de forma ecológica (sem venenos, adubos químicos e transgênicos) por cooperativas e associações de agricultores familiares do sul do Brasil.

A Rede Ecovida de Agroecologia é uma organização que reúne os vários segmentos envolvidos na produção e consumo de alimentos ecológicos. Sua abrangência atinge os três Estados do Sul do Brasil, através de Núcleos Regionais que agrupam cooperativas e associações por proximidade geográfica. Atualmente a Rede aglutina cerca de duzentas cooperativas e associações de agricultores familiares ecologistas, totalizando em torno de duas mil famílias envolvidas com a produção ecológica. No plano da assessoria, a rede agrega vinte ONG's (organizações não governamentais), as quais dão acompanhamento e capacitação às cooperativas e associações de produtores espalhados nos três Estados.

Uma novidade tem sido o envolvimento dos consumidores na Rede Ecovida. A população urbana vem se organizando para viabilizar o consumo de produtos ecológicos e buscar uma alternativa ao mercado convencional, que permita o acesso a produtos orgânicos através da aproximação e relação justa e solidária com os produtores, contribuindo na conservação do meio ambiente, garantindo um preço justo aos produtos e uma remuneração adequada aos agricultores. No momento são cerca de 15 cooperativas de consumidores e associações de bairro filiadas à Rede Ecovida, envolvendo cerca de 1500 famílias.

Esses produtores e consumidores se encontram na sua maioria nas mais de cem feiras ecológicas que as cooperativas e associações promovem.

Mais informações na Revista da Rede e no Sítio Ecovida: <http://www.ecovida.org.br>

\*\*\*

## **TECNOLOGIA AGROECOLÓGICA**

### **Reflexões a partir do trabalho no Projeto Vida na Roça**

Trabalhamos e vivemos na terra cuja fertilidade, há algum tempo, deixou de ser atributo exclusivo da natureza para ser também criação humana.

Entretanto, como na ASSESOAR busca-se sempre sistematizar a partir do visto, vivido e sentido, ou seja, a partir da prática, foram trabalhadas e aqui sistematizadas, ações de recuperação de fertilidade realizadas em todas as comunidades participantes do Projeto Vida na Roça - PVR em Francisco Beltrão e nas oficinas de Agroecologia no Assentamento Missões, que cultiva e preserva, dentre outras, sementes crioulas de milho e produz soja orgânica.

Assim sendo, pensamos em produzir um texto em que fossem contemplados alguns aspectos acerca da construção humana da fertilidade e do solo como um organismo vivo e dinâmico.

Além disso, se encontram sistematizadas aqui, haja vista a extrema e urgente necessidade de se trabalhar a agroecologia numa perspectiva ampliada, visitas realizadas em algumas áreas onde se pode conhecer e aprofundar questões como as do "leite a pasto" enquanto demanda a ser melhor trabalhada rumo a sustentabilidade da produção a partir do Pastoreio Rotativo e demandas na própria comunidade para serem realizadas na escola do Assentamento Missões, como foi o caso do viveiro e reflorestamento.

### **A construção humana da fertilidade**

Este texto é fruto das discussões e ações desenvolvidas sobre fertilidade no PVR de Francisco Beltrão durante os anos de 2001 e 2002. "Solos" foi uma das prioridades eleitas no Assentamento Missões, bem como nas demais comunidades de ampliação do PVR, ou seja, em São Pio X, São Braz, Santo Izidoro, Km 30 e Rio Guarapuava. Mesmo em 1996 esta demanda também foi trabalhada na Comunidade de Jacutinga, onde nasce o PVR. Se trata de uma preocupação geral, pois a fertilidade desgastada dos solos é um problema decorrente do manejo e de técnicas que estamos praticando há vários anos, fruto de concepções tecnológicas dominantes e insensíveis a aspectos não econômicos.

Enquanto refletíamos sobre fertilidade, íamos percebendo que isso era e é diferente de discutir somente "solos", mas essencial para entendê-los. O jeito foi fazer uma caminhada pelas lavouras, pastagens, vegetação, poteiros e matas, fazendo paradas para olhar os solos, abrindo pequenas trincheiras, olhar as plantas existentes neles, sentir a terra com as mãos, cheirar os diferentes odores, contar bichinhos, encher a distribuição das raízes e a cor da terra. Fomos identificando grandes diferenças entre um lugar e outro. Percebíamos a existência de diferentes níveis de fertilidade em cada lugar observado e constatávamos que isso acontecia em função dos diferentes jeitos de utilização do solo e das plantas. Nesta caminhada fomos trocando estas percepções que íamos tendo. As reflexões que fazíamos permitiam um olhar histórico e um relacionamento direto com nossas vidas. Isto é o que encontramos neste texto.

Mucuna cultivada no meio do milho para reconstruir a fertilidade.

Para recuperar solos, precisamos olhar coisas para além dos solos. É preciso olhar a vida que neles e que acima deles se encontra. A fertilidade resulta da relação das plantas com o ar, com a água, com o sol, com a temperatura, com os solos. Todos estes elementos se complementam.

Por mais minerais que contenha um solo, se faltar ar, água ou luz, a planta não produzirá e acabará morrendo na maioria dos casos.

Não esqueçamos nunca que somos nós agricultores que cuidamos dos solos. Nós somos parte da história da agricultura. A agricultura é mais antiga do que nós. Muitas gerações antes da nossa, ao construir sua história, deixaram para nós continuá-la. A opção histórica que temos, de recuperarmos a fertilidade ou a degradarmos, será uma parte dessa nossa história. Portanto a fertilidade deve ser uma construção de quem vive na terra e da tecnologia que a sociedade produz.

Há quantos anos mesmo existe a agricultura?

A agricultura existe há mais de 10 mil anos. Naquele tempo, a humanidade começou a desenvolver alguns trabalhos que são considerados hoje de agricultura, como colher algumas sementes, plantá-las e cuidar de alguns animais silvestres.

E há quantos anos existe agricultura aqui em nossas terras?

Há 60 (sessenta) anos de forma mais intensiva.

Dá para fazer agricultura, assim como estamos fazendo, por mais 10 mil anos? Nosso solo aguenta?

Se a agricultura existe há mais de 10 mil anos, como estes solos agüentaram até agora? Como então se trabalhava a terra antigamente? Há mil anos atrás?

Certamente não existiam adubos químicos, motores, venenos, transgênicos...

Como era a agricultura? É certo que precisaríamos conhecer a África para saber como era feita, pois foi lá que tudo começou, e ninguém de nós estava lá há 10 mil anos.

Registros mostram que bem antes de Cristo, já havia o pão, o vinho, o cordeiro. Naquele tempo, as pessoas viviam em aldeias, ou seja, moravam próximas umas das outras, assim como vivemos hoje nas comunidades. O uso do fogo, de algumas ferramentas manuais e do esterco de animais, juntamente com o pousio dos solos, garantiram por muitos e muitos anos sua sustentabilidade.

As populações alimentavam-se basicamente de peixes, frutos, raízes (mandioca e cará) e da caça.

No Brasil, a agricultura começou com os indígenas, assim como em outros lugares do mundo. Após a pseudo-descoberta do Brasil, mudou-se drasticamente a forma de fazer agricultura. Os colonizadores europeus, realizaram a tirada do Pau-Brasil e da vegetação em geral, plantaram cana-de-açúcar e depois café, garimpavam o ouro e outras pedras preciosas. Toda produção era levada para a Europa, em outras palavras, lá se ia nossa fertilidade natural. Isso tudo foi feito sem a preservação dos recursos naturais.

Um solo como o nosso, inexplorado há milhões de anos, era extremamente fértil. Contudo, esta fertilidade começou a ser erodida, tanto que algumas idéias daqueles tempos de colonização européia, perduram até hoje. A necessidade de dominar a natureza, de vencê-la, considerando-a um impecílio para o progresso, foram algumas idéias que não reconheceram sua riqueza e permitiram que ela fosse se terminando.

A ganância e as novas necessidades de consumo da população, bem como, o aumento da densidade demográfica (aumento populacional) foram intensificando cada vez mais o saque às riquezas naturais.

Uma conseqüência destas práticas foi o esgotamento da fertilidade. Na mesma proporção que se esgotava a fertilidade, aumentava-se a necessidade de comprá-la pronta, criando-se a ideologia do saco de adubo. Os custos de produção e a dependência acabavam de entrar então na vida das famílias.

**Na mesma proporção que se esgotava a fertilidade, aumentava-se a necessidade de comprá-la pronta, criando-se a ideologia do saco de adubo. Os custos de produção e a dependência acabavam de entrar então na vida das famílias.**

Na Europa, quando aconteceu o esgotamento da fertilidade, intensificou-se a rotação de culturas. Usava-se o composto, ou seja, uma mistura de palha com esterco de animais que se deixava fermentar ou decompor e se levava para as plantações. Fazia-se o plantio de adubações verdes, plantava-se num ano capim e no outro legumes. Hoje essa prática é conhecida como rotação de culturas. As atividades de pecuária e agricultura integraram-se. Foi a fase conhecida como Primeira Revolução Agrícola.

Recentemente, no início do século XX, há 100 anos, uma série de descobertas científicas e tecnológicas permitiram a fabricação de fertilizantes e venenos químicos, máquinas e motores à combustão e as plantas sofreram melhoramento genético. Estas descobertas, possibilitaram às famílias abandonar suas antigas práticas de rotação de culturas e de uso do esterco de animais, forçaram a especialização dos agricultores em monoculturas e à criação de alguns poucos tipos animais. Foi o que

chamamos de artificialização da agricultura, agricultura dependente da indústria, ou ainda, como é mais conhecida, de agricultura convencional. Esta foi a história que presenciamos, história recheada de uma agricultura química, também conhecida como a Segunda Revolução Agrícola (Revolução Verde).

No Brasil, há 200 anos, começou-se a preocupação com a expropriação do solo brasileiro e com a destruição florestal que continuou acelerada. Houve movimentos que fizeram esta reflexão, mas não foram ouvidos.

Apesar da minoria populacional que condenava a forma predatória, esta idéia não morreu e foi embasando a prática da agricultura ecológica. Junto a esta preocupação vinham a defesa do trabalho livre, da lavoura intensiva e da pequena propriedade.

De 1800 a 1890, surgiram estudos de cientistas que tentavam derrubar a teoria da húmus (matéria orgânica). Afirmavam estes cientistas que as plantas dependem de produtos químicos para produzir.

Estas comprovações científicas deram origem à agricultura química. Isto representou um rompimento com todo o conhecimento, considerado empírico (sem comprovação científica), que já existia desde a antigüidade até o século XIX e que, frente as novas descobertas agroquímicas (agora científicas), perderam seu valor. Foi uma fase de rápidos progressos científicos e tecnológicos voltados à industrialização. Nesta fase a agricultura deveria ser um "braço" da indústria.

O que foi preciso para trabalhar os solos nos últimos 40 (quarenta) anos?

Foi preciso "um monte" de dinheiro para comprar adubos, máquinas, sementes e agrotóxicos.

Então qual é a parte da história que nos toca? Tem outro jeito de se trabalhar os solos? Como podemos mudar esta história?

Sim, tem outros jeitos. Porém, é preciso conhecer os solos, só que de forma diferente do que conhecemos hoje.

Como conhecer um solo?

Precisamos olhar as plantas, saber o que elas fazem no e com o solo. Quando tiver serralha, radiche do mato, picão preto, é sinal de que a fertilidade está boa. Quando tiver muita graminha seda, guanxuma, é sinal de maus cuidados com a terra e quando aparecer musgos é sinal de que a coisa está muito ruim. A presença de samambaias indica solo ácido. Se a produção está boa, estamos cuidando bem do solo. Podemos cavar o solo e sentir as camadas compactadas e/ou em quantos centímetros a terra está fofa; a quantidade de raízes encontradas, como elas estão distribuídas no perfil do solo e onde elas estão mais concentradas; a quantidade de bichinhos que encontramos, quanto mais sadia for a terra, mais bichinhos encontraremos nela, quanto mais veneno for utilizado, menos vida encontraremos; quanto mais escura sua cor, quanto mais parecida com terra do mato melhor; quanto mais clara, esmorecida, pálida e anêmica, mais fraca será a terra. Pela quantidade de material em decomposição; pelo cheiro da terra, se a terra tem cheiro de banhado é sinal de que falta ar, é sinal de que a terra está compactada e não há vida sem ar. Apertando com a mão um punhado de terra, ela não deve fazer bolitas, ela deve quebrar-se facilmente. Solo ruim tinge a mão, solo bom suja, mas não tinge. Isto se deve a presença ou não de matéria orgânica no solo.

Olhar um solo, é parecido com uma consulta para saber como está nossa saúde. O profissional que nos atende, vê nossos olhos para saber se temos anemia. Na verdade, ele olha a cor da nossa pele. Para confirmar a suspeita, fizemos um exame de sangue para saber quanto de determinado componente temos no sangue, se está faltando, recomenda-se tomar os elementos faltantes e tenta-se descobrir o porque destas faltas. Assim, tomamos algumas medidas para que não falem mais estes elementos em nosso organismo.

Como vamos então olhar para um solo? Podemos, ter várias suspeitas?

Logo se percebe, por exemplo, que tem alguma coisa errada quando uma pessoa sente dificuldade de respirar. Podemos escutar sua respiração, seu pulmão etc. Também é fácil de saber se uma planta está com falta de ar ou não. Percebemos um solo compactado quando uma planta está amarelinha, sofrida, atrasada, demonstrando essa falta de ar.

Se estamos com dor de cabeça, com gripe, com má digestão, com vômito, é sinal de que alguma coisa não está bem. Pode ser a nossa alimentação, pode ser que estamos desprotegidos etc. Com as

plantas é a mesma coisa, quando adoecem ou quando são atacadas por vírus, bactérias, lagartas, pulgões, bezouros etc. é sinal de que alguma coisa não está bem.

### **Um solo sadio, garante uma boa saúde para as plantas e maior resistência a fatores climáticos.**

Um solo sadio, garante uma boa saúde para as plantas e maior resistência a fatores climáticos. Devemos agasalhar bem as plantas, isto que dizer, protegê-las dos ventos fortes, do sol escaldante, do rigor do inverno, preservando as matas, fazendo quebra ventos, cobrindo os solos etc.

Também podemos conhecer o solo através da análise feita em laboratório, que é a forma mais conhecida na agricultura convencional. Conhecimento que podemos também utilizar, entendendo que nele existem alguns limites.

A amostra enviada para o laboratório pode servir para confirmar algumas suspeitas anteriormente diagnosticadas. Pode servir também para mostrar a evolução do solo desde quando começamos a tratá-lo, principalmente para saber se o jeito como estamos trabalhando está ajudando ou prejudicando o solo. Isto indica, por sua vez, os cuidados especiais que devemos ter com este ser vivo.

Das 36 mil toneladas de solo agricultável que contém um hectare, envia-se apenas meio quilo para se analisar em um laboratório. Para que esta análise seja válida, portanto, é necessário retirar umas 05 (cinco) sub-amostras por hectare de terra, ou 10 (dez) por alqueire, o que daria mais ou menos um balde cheio. Além disso, para ser representativa da área que se quer examinar, estas sub-amostras deverão ser bem misturadas e, desta mistura, retiradas as 500 gramas para serem enviadas ao laboratório, que usará apenas umas 40 gramas deste material para analisar.

Por essas razões é que existe muita diferença de uma amostra para outra. Qualquer contaminação aleatória ou qualquer equívoco em relação a escolha dos pontos para a coleta da terra, pode alterar, e muito, os resultados da análise. Por isso ela deve ser um indicativo, serve para confirmar uma suspeita, serve para acompanhar a evolução da fertilidade, mas não como única ferramenta e nem devemos confiar inteiramente só nela, pois ela não representa a única verdade sobre a fertilidade.

Vamos fazer uma observação para não sermos injustos com os laboratórios. As diferenças dos resultados da análise de solo com a real condição de cada solo, não são erros dos laboratórios, os exames são sempre muito bem feitos e os resultados correspondem fielmente às 40 gramas que são analisadas, geralmente sem erros.

### **Solo como um organismo vivo e dinâmico**

A vida das plantas depende da vida que tem dentro do solo, no entanto, esta vida depende do que está fora do solo. A principal fonte de energia é a matéria orgânica, algumas pessoas dizem que ela é a alma do solo. A matéria orgânica alimenta os predadores de pragas e de doenças, que ficam mais difícil de aparecer. A cada 1 grama de solo vivem 10.000 espécies diferentes de seres vivos, a grande maioria é invisível aos nossos olhos e formam uma rede de vida que, apesar de não encherarmos, é capaz de sustentar dar novas vidas.

Entre estas espécies, estão as micorrizas (micorrizas são fungos associados às raízes das plantas) que ajudam a retirar fósforo e outros nutrientes do solo e oferecer às plantas. Elas aumentam em muitas vezes a capacidade das raízes.

### **Micorrizas em uma planta de crotalária – Assentamento Missões.**

Quando um solo está compactado pela ação do homem com o arado, com a grade, com os agrotóxicos, quando um solo está sem matéria orgânica, quando nele não encontramos as micorrizas e outros pequenos organismos benéficos à agricultura, podemos dizer que este solo está doente.

Para cada tipo de utilização do solo, como pastagens, lavouras, cana, frutas, horta, existe uma estratégia diferente de recuperação da fertilidade.

Na agricultura ecológica, além de resíduos da produção animal utiliza-se também plantas para a recuperação da fertilidade. No inverno tem a aveia, ervilhaca, chícharo, gorga, colza, fava, tremoso, nabo forrageiro. No verão tem mucuna, crotalária, guandu, lab-lab, feijão de porco, milheto. Estes últimos mais rústicos e recuperadores de áreas mais degradadas.

As plantas leguminosas se associam a bactérias e, juntas, fazem a fixação de nitrogênio do ar no solo. As plantas não conseguem fazer isso sem estas bactérias e vice versa. Cada família de planta, possui diferentes formas de raízes, o que garante a recuperação de todas as camadas do solo, tanto das superficiais, como das mais profundas, impedindo também que minerais sejam levados pelas chuvas.

Uma planta precisa de luz, temperatura, água, oxigênio, gás carbônico, nutrientes minerais e sanidade para viver e produzir.

Quais destas coisas podemos alterar?

Todas são possíveis de se alterar. O problema é que só sabemos mexer com os minerais e isto representa muito pouco para a vida da planta, embora seja importante.

A uréia, por exemplo, faz com que se degrade a matéria orgânica existente no solo. Seu uso provoca uma liberação dos nutrientes muito rapidamente mas, por outro lado, mata outras vidas do solo por se tratar de um sal. Sucessivas aplicações de uréia ressecam a terra, pois acabam com toda sua matéria orgânica. Por sua vez, quanto menos matéria orgânica há no solo, mais dependentes ficam os agricultores da uréia e de outros insumos que terão que comprar de mercados oligopolizados.

O trabalho em torno do solo como um organismo vivo e dinâmico revelou que analisar o solo, mesmo que dessa científica forma, não é suficiente. Podemos fazer toda esta discussão e nada mudar. Estamos agora relacionando este trabalho com os projetos de vida das famílias. Por isso mesmo é sempre importante perguntar-se: Melhorar o solo para que? Outras demandas como leite e pastagem, devem incorporar esta discussão, como também, as demais produções.

Como a análise de solo é um tanto cultural, como todo mundo a quer e como, sem ela, parece não estarmos falando de solo, possibilitamos a quem quisesse fazê-la em uma área de terra, que a encaminhasse. Neste mesmo dia, explicamos e fizemos, junto com o pessoal, a retirada de uma amostra de solo para análise.

Depois de prontas as análises de solo encaminhadas, reunimo-nos todos para interpretar seus resultados. Estudamos campo por campo, o que significava cada número, se era bom ou ruim etc. Tudo de uma forma que todos entendessem. Colocamos agricultores frente a frente para dizerem uns aos outros como estavam os solos analisados. Comparamos este estudo com o estudo feito na lavoura no passo anterior e, para finalizar, calculamos a quantidade de calcário necessária à favorecer a fertilidade, de acordo com a análise.

Precisamos produzir conhecimento, acreditar que, enquanto agricultores, somos capazes de diagnosticar, de analisar resultados dos laboratórios de ter posicionamentos próprios e de analisar outras análises.

Este trabalho deixou agricultores e agricultoras de Francisco Beltrão muito contentes por saberem calcular, interpretar, relacionar e analisar. Ainda que a maioria destes agricultores e agricultoras não chegassem a dominar o assunto, este trabalho acabou por lhes dar maior segurança, pois uma desconfiança sempre aparecia quando era pedido para alguém interpretar as análises de solo, quando este mesmo alguém recomendava determinada quantidade de calcário, ou quando se tinha de acreditar sem saber se estavam sendo enganados ou não, se "espertinhos" queriam apenas vender corretivos sem necessidade de aplicá-los.

Também encaminhamos à Prefeitura de Francisco Beltrão, pedido para que reconhecesse este trabalho nos programas municipais de distribuição de calcário, onde a comunidade faria a gestão dos mesmos. Em suma, tentamos fugir da forma politiqueria de distribuição do calcário.

Isto foi realizado por uma equipe formada a partir da ASSESOAR, do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais, da EMATER, da CRESOL e da Prefeitura Municipal. Sentamo-nos para discutir a metodologia juntos. Fizemos o primeiro grupo juntos, depois nos dividimos

para dar conta do trabalho em todas as Comunidades. Depois sentamo-nos juntos novamente para avaliar e encaminhar novas ações.

A Engenheira Agrônoma Ana Maria Primavesi em suas conferências e livros, tem insistido em dizer que as lavouras devem ser cultivadas com recursos naturais. Isto significa que dispomos naturalmente das condições para se obter uma grande produção sem contrariar as leis da natureza.

A observação do solo pelo ser humano pode, portanto, oferecer sinais de boa ou má produção. Diz Primavezi que precisamos manter o solo protegido com uma diversificada vegetação. Afirma ainda que a monocultura degradou o solos e trouxe uma série de doenças que foram atacadas com agrotóxicos. Com isso, a nutrição das plantas ficou resumida em três elementos: nitrogênio, fósforo e potássio, enquanto que a planta necessita de 45 (quarenta e cinco) elementos nutricionais para bem viver e produzir.

### **Oficina de Agroecologia no Assentamento Missões**

No dia 13 de março de 2003, foi realizada uma Oficina de Agroecologia no Assentamento Missões, organizada pelas entidades conveniadas ao PVR que são: ASSESOAR, EMATER, Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais, CRESOL, CLAF e UNIOESTE, da qual participaram agricultores e agricultoras da Comunidade, Comunidades vizinhas e educandos da Escola Agrícola de Francisco Beltrão. Na oportunidade foram visitadas áreas de cultivo do Milho Crioulo e da Soja Orgânica, que procuramos contemplar neste texto, mas também, de outras como Milho, Milho Pipoca e Adubação Verde de Verão.

### **Sementes Crioulas de Milho**

No Assentamento Missões estão sendo realizados estudos sobre a produção de milho ecológico. O trabalho busca resgatar a produção de sementes e objetiva mostrar que é possível produzir sem utilizar as caras sementes híbridas, os caros adubos solúveis e os caros venenos, melhorando a renda e a produção e preservando os recursos naturais.

Tarefa nada fácil, haja vista a histórica falta de Política Agrária para o país, no entanto, com o PVR, do qual a comunidade é parte integrante, a agroecologia e o conhecimento das famílias estão sendo valorizados, o que está garantindo bons resultados.

Ensaio de milho variedade demonstrado na Oficina de Agroecologia no Assentamento Missões.

Por que "Sementes Crioulas"? Crioulas porque tem a ver com o lugar em que vivemos, isto é, crioulo é o que nasce, é o que dá no local. Crioulo é o que é produzido na propriedade do agricultor. Quando um agricultor produz sementes crioulas, ele se torna independente, pode decidir sobre sua produção, é livre, ao contrário de escravo. Significa que ele tem as coisas, tem as condições para produzir suas próprias sementes sem depender de laboratórios ou indústrias.

Para tanto é fundamental a diversidade genética que possuem, por exemplo, os milhos variedades. A produção ecológica não existe sem biodiversidade. É com ela que vamos enfrentar as doenças, as pragas e as estiagens.

No exemplo, a importância do milho para as famílias é indiscutível. As sementes crioulas aliviam a necessidade de crédito e viabilizam a produção para a maioria dos agricultores familiares da região.

Para muitos, produzir milho crioulo parece não valer a pena. Mas isso já aconteceu com o porco crioulo, chamado também de porco preto. Hoje o que não vale a pena é o porco "branco". A medida em que o porco branco foi tornando-se hegemônico, perdeu-se o porco preto, inclusive para consumo. Hoje, se quisermos saborear um porco preto, temos dificuldade de encontrar ou então comprar um branco.

Para entender melhor esta história, vamos recuperar a origem do milho. O milho tem sua origem na América Central. Os povos indígenas foram os primeiros a cultivarem o cereal, o que resolveu o problema da fome em suas tribos. Os índios também tinham uma ligação religiosa com o milho. Seu

nome reconhecido no mundo é "Zea Mays", do grego: "Zeia" que significa grão de cereal e "Mays" em homenagem aos povos Maias, os "descobridores" do milho.

A palavra milho vem do Latin "mulium" que significa mil ou, em outras palavras, "um grão que produz mil grãos".

Os milhos mais antigos datam de 7 mil anos a. C. Portanto, é inaceitável que empresas multinacionais, controlem suas sementes através da tecnologia dita "moderna". A tecnologia do milho é uma construção dos povos e, para nós, isto é tecnologia moderna.

A diversidade de sementes que temos hoje (2 mil anos d. C.) não é muito grande, já foi muito maior. Mas estas sementes estão jogadas à própria sorte.

Sabemos também que não custa nada manter todas estas possibilidades em casa. Bem ao contrário das sementes híbridas que são caras e que não podemos manter em casa de um ano para outro.

**Quanto mais o monopólio das sementes avança rumo à uma hegemonia seletiva, menos autonomia de produção nos resta e mais sujeitos à exclusão ficamos.**

Quanto mais o monopólio das sementes avança rumo à uma hegemonia seletiva, menos autonomia de produção nos resta e mais sujeitos à exclusão ficamos. Cada vez mais vamos perdendo nossas riquezas que vão se concentrando nas mãos dos poucos selecionados, vamos perdendo o controle sobre nossa produção e aumentando as diferenças entre pessoas e países, em detrimento da igualdade de direitos e, por conseguinte, da tão querida e propagada "Vida Digna" para todos os povos.

Construamos nós mesmos o nosso projeto, com tecnologias para um outro jeito de viver.

### **Soja Orgânica**

A Soja Orgânica foi uma das culturas que mais chamou a atenção dos presentes pelo fato de que muitos consideravam impossível produzir sem a aplicação de adubos químicos e agrotóxicos para controle de ervas daninhas e pragas quando, na verdade, tudo se resumia a aplicação de outras práticas no manejo do solo, de plantas e de pragas.

O cultivo de soja orgânica no Assentamento Missões, está sendo realizado com a preocupação e o cuidado para que o solo esteja sempre coberto (protegido) por culturas ou palhadas para evitar a erosão pelas chuvas. Com isso se está melhorando as condições para que os microorganismos possam desenvolver-se fazendo a (re)ciclagem de nutrientes.

No inverno estão sendo utilizadas as culturas de aveia, ervilhaca (vica) e centeio que naqueles solos do Assentamento Missões dão bom volume de biomassa e, em cujo lugar é posteriormente implanta a cultura da soja.

A palhada também ajuda no controle das ervas daninhas. Seu cultivo ainda é de forma convencional, mas neste ano já foi feito uma pequena área com plantio direto.

No controle de pragas, é utilizado o sistema biológico com fungos ou vírus como por exemplo o "Baculovírus" para controle da lagarta. As pragas decorrem de doenças que ocorrem naturalmente e, na maioria das vezes, não necessitam intervenção mas, para maior segurança e controle das mesmas, é aplicado o "Baculovírus" quando as lagartas ainda são pequenas, medindo menos de 1,5cm.

Para o controle do percevejo (fede-fede) são utilizadas iscas atrativas, método que tem se mostrado eficiente. Desta maneira protege-se a plantação dos inimigos naturais, protegendo o ambiente, pelo que a natureza agradece.

Com este trabalho bem mais econômico, já que o preço pago ao agricultor pela saca de 60 kg de soja orgânica está em torno de U\$17,00 (dezesete dólares) (próximo a R\$60,00 (sessenta reais) a saca), além da proteção ambiental, produz-se qualidade da água, qualidade de vida, alimentos saudáveis, que realmente geram mais vida para quem deles se alimentar.

### **Leite a Pasto**

## – uma demanda a ser melhor trabalhada –

Abordamos, nas próximas linhas, a sustentabilidade da produção de leite com o Pastoreio Rotativo. Esta é a história de duas famílias visitadas, que produzem leite a pasto com Pastoreio Rotativo de baixo custo de produção e de implantação de pastagens. Fiquemos atentos a como estas famílias fazem das gramas comuns (sempre verde, jesuíta, forquilha), suas grandes aliadas. Também, como a silagem e a suplementação alimentar no cocho foram banidas com a melhoria no cultivo e manejo das pastagens. Segue o relato desta experiência.

Trevo Branco se desenvolvendo no meio das gramas comuns no município de Dionísio Cerqueira – SC

Piquete após o pastoreio, mostrando o detalhe do bosteamento noturno, uma prática fundamental na estratégia de recuperação da fertilidade.

Cocho de água móvel.

Cocho de sal utilizado.

Arborização dos piquetes.

### **Os motivos das visitas**

Na Agricultura Familiar, a produção de leite tem sido muito significativa para a vida das famílias. No entanto, sabemos que na maioria dos casos esta produção é ainda dependente de insumos e alimentos caros como farelos, silagens e adubos. A busca pela autonomia na produção e a permanência por muitos anos nesta atividade ainda é desafiador e necessitará, muito em breve, de novas práticas e de novos conhecimentos.

Frente as necessidades nossas de compreender melhor a sustentabilidade da produção de leite e de refletir permanentemente sobre as práticas a fim de percebê-las condizentes ou não com a proposta de desenvolvimento do PVR, fizemos um intercâmbio para conhecer uma produção de leite considerada sustentável com pastoreio rotativo em Dionísio Cerqueira. Visitamos então duas famílias: a de Liseu, Alice e Raul Meier e a de Domingos e Claudimiro Pavani.

### **A trajetória das famílias visitadas**

Antes da família Meier, por exemplo, fazer a opção pela produção de leite a pasto com Pastoreio Rotativo, plantavam milho, fumo, tinham feitos açudes, estavam portanto com dívidas a pagar e, para escapar das cobranças, acabaram vendendo um pedaço de terra.

Atualmente com 24 hectares, menos de dez alqueires de terra, participam da feira agroecológica, vendem mel, laranja, mandioca, peixe, queijo e leite que, mesmo sem inspeção, é vendido na feira em garrafas plásticas com capacidade para dois litros. Os consumidores fazem questão de comprar os ditos litros de leite, já que a propriedade trabalha com princípios agroecológicos.

Situação similar (parecida) foi enfrentada de igual forma também pela família Pavani.

*“Quando entramos na feira, paramos de plantar fumo e de utilizar veneno.”* (Liseu Meier)

A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por sua participação em uma palestra no município de Dionísio Cerqueira, colocou-se a disposição para acompanhar quem estivesse disposto a implantar o Piquetamento com Pastoreio Rotativo. Foi nesta mesma ocasião que estas duas famílias se propuseram e fizeram os primeiros piquetes.

Os solos das propriedades estavam desgastados, as gramas amarelinhas e as famílias sem recurso financeiro disponíveis para investimentos. Mas decidiram começar com alguns piquetes para conhecer o sistema. Depois fizeram os outros.

### **A implantação do sistema**

Um dos princípios deste sistema é sempre respeitar a grama que tem no local, pois ela está adaptada às condições do clima e de solo da região. Se quisermos colocar grama nova, devemos plantá-la no meio da outra, sem mexer com o solo. Para proteger a muda nova dos animais, coloca-se esterco por cima.

As pastagens nativas são bem aceitas pelos animais, possuem uma ação favorável sobre o rendimento e a saúde dos mesmos, suportam bem o pisoteio e os dentes de cada animal, bem como, tem-se adaptado bem ao método de Pastoreio Rotativo, o que viabiliza a sobressemeadura de pastagens anuais de inverno. Esta prática é melhor do que retirar estas espécies e colocar outras ditas exóticas, que geralmente são mais exigentes em solo, manejo e investimentos.

A existência de diversos tipos de gramas, capins (gramíneas) trevos, pega-pega (leguminosas) no campo depende da forma como ele é pastoreado. Em campo de pastejo permanente, a maioria das gramíneas existentes são de crescimento rasteiro, pois são as únicas que conseguem sobreviver com pastejo baixo. Neste caso as rasteiras eliminam as de crescimento alto, ou em touceiras. Em pastejo permanente, as forrageiras preferidas pelo gado desaparecerão. Em campos raramente pastados, a maioria dos capins existentes estão em forma de touceiras. Neste caso as touceiras eliminam as rasteiras.

O manejo de um pasto misto, ou seja, com capins altos e rasteiros, requer muita observação, uma vez que depende do gado a sobrevivência das forrageiras, sendo que o desejável é ter a maior diversidade possível de pastos. O gado não pode comer a rebrota, se isto acontecer, ocorrerá danos às raízes das plantas que deixarão de ser nutridas pelas folhas.

A Universidade sugeriu colocar trevo e azevém na forma de sobressemeadura na grama que tinha, ou seja semear por cima da grama sempre verde, forquilha, missioneira. No primeiro ano não veio bem, o azevém e o trevo não conseguiram crescer no meio da grama. Nos segundo e terceiro anos, o azevém e o trevo cresceram por cima da grama, pois a fertilidade já tinha melhorado e os animais já haviam pousado nos piquetes por dois anos. No inverno, ao olhar para o potreiro, não se diz que alí é potreiro, parece uma lavoura de azevém. Agora estão colocando missioneira gigante e implantando amendoim forrageiro.

É necessário permitir que o azevém semente, para o próximo ano, nasça naturalmente. Geralmente depois de uma geada, o azevém se desenvolve melhor. O método de semeadura consiste em colocar o gado nos piquetes, deixar a pastagem bem baixa, rente ao chão, semear então a pastagem de inverno e colocar o gado mais um tempo para que, através do pisoteio, a semente seja incorporada ao solo.

### **Introdução dos Trevos**

A introdução dos trevos requer algumas observações. O trevo vermelho vem bem em terrenos declivosos, secos, expostos à insolação. Já o trevo branco, que é perene, se desenvolve bem em locais baixos e mais úmidos. O cornichão parece vir bem, plantam o trevo em junho e julho. O trevo branco semente em novembro e dezembro.

O trevo é uma planta que possui associação com bactérias fixadoras de nitrogênio (nódulos). Um dado importante é saber em que medida este nitrogênio influi sobre as gramíneas. Estudos revelam um rendimento considerável sobre a matéria seca e sobre o teor de proteína bruta destas pastagens em associação.

O trevo branco proporciona às gramíneas da pastagem o equivalente, em nitrogênio, à cerca de 500Kg/ha de nitrato de cálcio. Além da adubação em si, possui outras vantagens como a descoberta, de que, as bactérias "Rhizobium" dos nódulos, produzem vitamina B<sub>12</sub>, que é uma vitamina antianêmica. As leguminosas, por estas razões, são melhoradoras de solo e da qualidade das pastagens.

Foi utilizado inicialmente 20Kg de fosfato e 50Kg de calcário por piquete na propriedade dos

Meier para corrigir o solo, isto porque o pH não chegava a 04 (quatro). Uma mudança brusca no teor de nutrientes e da faixa de pH de um solo torna-se mais prejudicial à adaptação ou readaptação das espécies, do que não modificar em nada estas condições. O agricultor tem que ficar atento a estes detalhes, pois em certos casos o que parecia uma medida correta influenciará, a médio e a longo prazos, negativamente no crescimento do pasto, levando à extinção de espécies mais sensíveis ou sem adaptação.

A adubação certa não é aquela que somente corrige algumas deficiências mostradas na análise, mas aquela que supre as necessidades demonstradas pelas forrageiras.

Uma adubação pode melhorar o desenvolvimento das forrageiras mas também causar seu desaparecimento. Constata-se a 'fome' das forrageiras quando estas encurtam o ciclo vegetativo, soltando flores e sementes mais cedo, com pouca massa verde formada.

Todas as pastagens com manejo rotativo racional, tem um gasto grande de nitrogênio. Como forma de reposição deste nutriente, consorcia-se a pastagem com leguminosas ou pela reposição via urina e esterco dos próprios animais.

A adubação corretiva a base de fósforo ajuda a prolongar o ciclo vegetativo das plantas e consegue fazer a forrageira aproveitar o repouso para crescer. Com isto, desenvolvem-se igualmente as raízes que aproveitam melhor os minerais.

Como é o manejo dos animais e dos piquetes?

No sistema de piqueteamento, outras gramas começam a surgir naturalmente, um exemplo disso é a "Quicuío", que tinha desaparecido das pastagens. O fato de algumas espécies desaparecerem no pastejo permanente se dá em função da preferência do gado por elas e pelo favorecimento das condições de umas sobre as outras ou mesmo da fertilidade do solo.

Também devemos ter o cuidado para não retornar o gado muito rápido para as áreas do Pastoreio Rotativo, para não estragar as plantas, é necessário deixar o azevém ficar bem grande.

As vacas de leite ficam um dia e uma noite dentro de um piquete. No dia seguinte, as vacas secas (que não estão em período de lactação) pastam neste mesmo piquete, acontecendo assim o repasse. É bom isolar, durante o dia, uma parte do piquete para que à noite os animais tenham pasto novo para comer.

É necessário plantar árvores nos piquetes porque isto aumenta a produção de pastagens e protege o gado. O sol não desidrata o pasto porém, como os animais ficam o dia e a noite no piquete, também precisam de proteção contra o sol e a chuva. Por sua vez, os animais mantidos em estabulagens ficam mais sujeitos do que estes à contaminação pela sujeira e ao desenvolvimento de doenças como a mastite.

A vaca é um animal que por milhares de anos, vem se adaptando para sobreviver no ambiente. Naturalmente ela dorme fora de galpões, sem comida em cocho. Se acostumarmos os animais no galpão estaremos diminuindo a resistência dos mesmos e, quem sabe um dia, teremos até que botar roupas nas vacas. Mesmo no inverno, as vacas ficam no piquete.

Os piquetes são feitos mais ou menos de forma quadrada, em função do próprio comportamento do animal. Em todo o rebanho sempre um animal desenvolve o comportamento de domínio, seja por porte maior, matriarca, presença de chifres, agressividade ou algum outro fator. Sendo o piquete quadrado os outros animais conseguirão pastar e transitar em busca de água, sal, sombra com tranquilidade nos locais onde o animal dominante não esteja.

Antes, os terneiros eram descartados e agora, com o manejo correto, sobra pasto e são criados para o próprio consumo de carne ou para a venda, gerando uma receita a mais às famílias. As novilhas e bezerros são estratégicos, pois eles irão se alimentar do pasto que sobrou das vacas, ou seja, farão a limpeza final da pastagem.

***“Antes, sempre tínhamos que guardar forragens, agora não fizemos mais silagem. Evitamos dar qualquer comida extra. Não podemos acostumar com forragens no cocho, pois elas ficam esperando e não vão pastar.” (Liseu Meier)***

Com este sistema, se tem uma produção de leite de 15 litros/vaca/dia. O pasto de boa qualidade tem tudo o que precisa. As vacas são mistas. A raça se faz pela boca, afirma Liseu.

Como se divide os piquetes?

Isto dependia, inicialmente, do número de vacas existente nas propriedades: 100 metros quadrados por animal era uma boa média. Mas ao descobrirem que isto depende também do pasto, da da fertilidade, tanto os Meier como os Pavani utilizam-se hoje de 30 a 40 metros quadrados por animal. As vacas levam até 40 dias para voltar ou mesmo piquete, assim um piquete recebe no máximo 12 dias de pastejo mais 12 dias de repasse, totalizando 24 dias, isto significa que uma área sobre pastoreio não o é um mês por ano.

Com as terneiras bem novas, faz-se o pastoreio no meio das laranjeiras e dos ervais. Agora o pomar fica no limpo e as frutíferas se recuperaram.

Qualquer esquema fixo de rotação estará em desacordo com a fisiologia do capim. Existe um momento correto para o capim ser pastado. Se atrasarmos o momento do pastejo, o capim terá usado suas reservas na direção das semente e, se ao contrário for pastado muito cedo, não terá ainda formado as substâncias de reserva. Portanto, a observação é um critério básico para decidir o momento de colocar o gado no piquete.

Como se dá o fornecimento de água e sal?

O fornecimento de água é feito com um cocho móvel. No caso foi utilizado um tambor plástico de 200 litros cortado ao meio, ao qual está conectada uma mangueira preta que alimenta o cocho por baixo e uma bóia flexível que se encarrega de fechar a água quando o cocho estiver cheio. Como a mangueira está sempre cheia, mesmo com o pisoteio do gado, ela não fura. Este sistema é móvel porque acompanha o piquete onde os animais estão pastando.

A localização do cocho de água deve ser distante da sombra e do cocho de sal. Da sombra porque, dado o fato de os bovinos não possuírem dentina (capa protetora dos dentes), a água aquecida pelo sol evita o choque térmico e resulta na melhor aceitação desta pelo animal. A água é essencial na produção de leite, pois para um animal produzir um litro de leite é necessário beber, em média, cinco litros de água.

Já o sal deve ser colocado em locais onde a fertilidade do solo seja menor. Geralmente nestes locais o animal tende a permanecer descansando, urinando e estercoando e a concentração destes três elementos num local de baixa fertilidade é essencial para sua recuperação. A localização do cocho de sal em um piquete é, portanto, estratégia para a fertilidade.

Colocar a água e o cocho de sal estrategicamente distante da sombra e dentre si num piquete, dá a todos os animais, sejam eles dominantes ou não, a liberdade necessária para beber a água, lambem o sal e descansar em tempos diferentes.

Para o controle de ectoparasitas (moscas e carrapatos) utiliza-se a seguinte pasta que deve ser aplicada no local da infestação.

#### **Receita para combater moscas do chifre.**

Ingredientes:

1 litro de azeite

100g de folha de arruda

100g de alho

02 colheres de enxofre (em separado)

Modo de preparo:

Bater o azeite, a arruda e o alho no liquidificador e, em separado, o enxofre e aplicar no gado picelando o rabo.

Esta receita repele moscas e bernes. O sistema de Pastoreio Rotativo ajuda a controlar estes parasitas, por quebrar seus ciclos de reprodução.

## **Viveiro na escola**

### **e reflorestamento nas comunidades dos núcleos escolares.**

Esta foi uma demanda do Assentamento Missões àquela escola para iniciar uma reflexão que, negociada com algumas professoras, permitiu uma discussão sobre o assunto ora socializado.

No que tange ao caso específico do Assentamento Missões, o ambiente em torno das residências teve que ser todo reconstruído, pois tratava-se antes de uma fazenda, onde só havia pasto. O trabalho mesmo ainda não deslanchou mas, pela relevância do assunto, queremos ampliar a reflexão. Apesar do ambiente já estar muito diferente do que era e do esforço que as famílias vêm fazendo, este trabalho precisa ser continuado com novas ações.

A instalação das residências deu-se neste ambiente desmatado, sem frutíferas, sem árvores, sem horta, sem cultivos para o auto consumo, sem o ambiente verde que dá proteção, sombra e alimento. Este ambiente por ser uma construção, muitas vezes pode demorar mais do que uma geração. Encontramos este ambiente em residências mais antigas em que, ao longo de mais de 50 anos, seus proprietários foram dando qualidade ao local onde vivem.

Este lugar de que falamos é composto por árvores, frutas, hortaliças, pássaros, plantas medicinais, flores, espaço de lazer, lugar para os animais, enfim, como se diz, tem de tudo. Nas moradas novas, como é o caso dos assentamentos, os esforços realizados neste sentido são recentes e ainda há muito a ser feito. É importante refletir com que valores iremos recompô-lo. Valores de quem vive na agricultura, de quem pensa para além do econômico como faziam e fazem os pais e avós, que plantavam frutíferas e árvores mesmo sabendo que era para as gerações futuras que o faziam.

Que significado teria os viveiros nesta discussão e porque fazê-los nas escolas?

**Um viveiro na escola seria, para além da produção de mudas, um lugar de aprendizado sobre a (re)produção da vida.**

Um viveiro na escola seria, para além da produção de mudas, um lugar de aprendizado sobre a (re)produção da vida. As plantas florescem e frutificam por meios de mecanismos interessantes de relação com a luz, com a água, com o clima etc. Possuem folhas, caules, raízes diferentes umas das outras, o que determina seu uso. Suas sementes são estruturas complexas, com muitas curiosidades, assim como o crescimento das plantas, determinados por hormônios vegetais, que explicam e ajudam a encontrar as razões das práticas agrícolas ecológicas. A relação dos mecanismos da vida vegetal com a agroecologia é meio fecundo de estudo e do entendimento da vida, da ecologia, da biologia, da matemática, da geografia, enfim das ciências. Este seria o sentido do viveiro estar na escola.

A prática num viveiro, vai além dos objetivos do reflorestamento. Também tem objetivos maiores que as costumeiras campanhas de plantio de árvores promovidas por empresas, ou por eventos em que há doação de mudas.

Estas ações são importantes, mas pouco produzem de conhecimento. Na verdade, se faz o que já está determinado na campanha, como por exemplo, colher sementes e plantar a partir de orientações genéricas. As empresas integradoras promovem campanha de colheita de sementes de árvores nativas, porque podem estar preocupadas em parecer ecológicas e, principalmente, porque vai reverter o aquecimento a gás pelo aquecimento a lenha (mais barato) logo, pode pagar-se menos por um frango.

Conseguir mudas nos viveiros municipais ou doadas pelas empresas e plantar, não significa ato autônomo. Não necessariamente esta prática vai provocar mudanças pessoais em relação à situação precária ambiental e econômica em que vivemos.

O ato autônomo, pressupõe conhecer, coletar sementes, significa conhecer as árvores matrizes, sua época de plantio, secagem, características das mesmas... O plantio também envolve uma série de conhecimentos como: tipo de raízes, formas de germinação, partes das sementes e ramos, doenças... Acompanhar o desenvolvimento da muda, implica outros conhecimentos como: de insetos, umidade, temperatura...

Isto, quando refletido, preenche um vazio na nossa existência. Como ser agricultor e não conhecer sobre uma planta como ela nasce, se desenvolve, cresce e morre? Sem saber isso, repetimos fórmulas, sem entender os porquês e perdemos a capacidade de criar alternativas de produção, ou então começamos a acreditar que nada funciona.

Ter um viveiro na escola implica, além do fato de todos os educandos poderem ter mudas disponíveis para serem levadas para casa, em conhecer e estudar o manejo das plantas, preparo das condições para implantar um pomar, um reflorestamento... Aqui é possível trabalhar as partes econômica, financeira, medidas ecológicas, indicadores, dentre outras na escola.

Acompanhar estes passos vai dando condições de ir construindo uma coerência, entre a prática e o que se pensa.

As campanhas promovidas pelas empresas tiram dos agricultores a autonomia, não privilegiam o conhecimento nem a ação. A gestão do desenvolvimento, neste caso, não parte dos agricultores, ou melhor, não faz parte do seu dia a dia e está sempre na perspectiva de que alguém faça o que tem que ser feito, desde que não seja um deles.

Um viveiro poder ser um lugar onde se produz tudo isso, além das mudas é claro. As mudas podem ser de flores, frutíferas, árvores, ervas medicinais etc.

Antes de produzir as mudas seria bom perguntar-se: flor para quê? Frutíferas para quê? Árvores para quê?

E pensando responder: Para produzir mudas para levar para casa. Para estudos das plantas – raiz, caule, folha, flor. Para ter madeiras. Para colher sementes. Para comercializar sementes de árvores nativas. Para transformar um quadro sócio-ambiental preocupante. Para seleção de árvores matrizes. Para busca de espécies alternativas de para reflorestamento. (Hoje só as plantas exóticas são vistas como alternativa.) Para gerar conhecimento sobre espécies nativas. Para proteger água e solo. Para melhorar as áreas de lazer. Para ajardinar ao redor da escola. Enfim, encontramos várias razões.

Precisamos apenas de alguns materiais que podem ser rústicos e de uma irrigação simples, o que avultaria em pouco custo.

A implantação de um viveiro com esta metodologia, finalidades e características, permite articular Escola e Comunidade na produção de conhecimento e de vida digna para todos.

Ao fazê-lo podemos ainda nos perguntar: O que vamos plantar?

Angico, Gráphia, Pinheiro Brasileiro, Guatambú, Cangerana, Loro, Ipê Roxo, Timbauva, Gabriuva, Guajovira, Canafístula, Cedro, Cinamomo? Pinus, Eucalipto? Figo, Uva, Laranja, Bergamota, Limão? Precisamos fazer este debate, para então definirmos um projeto de reflorestamento.

Supondo que em um hectare pode-se plantar até 1.375 árvores nativas, se considerarmos um espaçamento de 4X4m, não é recomendável mais que 100 árvores de um só tipo neste hectare se quisermos evitar a ocorrência de pragas e doenças, então tem-se a necessidade de no mínimo 13 espécies de árvores por hectare pois, além de ser ecologicamente correto, contrasta com o cultivo de pinus, que pode ser considerado um deserto verde.

Geralmente, estas árvores em condições naturais demoram 40 a 50 anos para ficarem prontas para corte, dependendo também da região, podem demorar menos ou mais tempo. Contudo, pouco se sabe sobre reflorestamento com espécies nativas, bem como, sobre seleção de sementes de árvores que cresceram mais rápido, mais retas, mais saudáveis, espaçamento, podas etc.

Pode-se afirmar que, se árvores nativas forem manejadas como são manejados os reflorestamentos de pinus e eucalipto, o resultado será muito bom. Se agregarmos a isso um melhor preparo de terreno e cuidados com adubação orgânica então, teremos o tempo de corte reduzido pela metade, ou seja, poderemos ter madeira de lei, com alto valor comercial, já com 20 anos e madeira mais grossa com 30 anos.

Resistimos em plantar nativas com fins comerciais porque achamos que morreremos antes de colher. Temos uma cultura imediatista, de fazer as coisas para o amanhã. Na Alemanha, as pessoas plantam árvores para os tataranetos cortarem. Assim todas as gerações terão árvores para cortar. Falta para nós um compromisso com quem vem depois. Já que recebemos matas nativas intocadas, ricas em madeira, construímos nossa vida em função da derrubada de matas e esquecemos que a vida está para

além de nós. Como então não deixar nada para os filhos? Mesmo ao trabalharmos numa perspectiva imediatista podemos, sem deixar de continuar pensando em nós mesmos, garantir o futuro também dos que virão depois já que, se aos 40 anos fizermos um reflorestamento com árvores nativas, aos 60 ou 70 anos teremos uma aposentadoria garantida e teremos ajudado nossos decedentes a nos cuidarem.

Além disso podemos criar alternativas para a derrubada da mata, como por exemplo, ir recebendo pela manutenção das árvores.

Algumas mudanças no jeito de produzir implicam a introdução de novos hábitos nas vidas das pessoas. Sem essas mudanças, dificilmente as pessoas concebem novas idéias, novos jeitos, novas formas. Esta nova forma de produzir não é plenamente entendida sem que se considerem os objetivos ligados a ela, quais sejam: a conquista da autonomia pelas famílias, a agricultura para várias gerações, a preservação ambiental e o sonho da prole em relação a terra.

\*\* \*\*

## **FOME ZERO E O PROJETO VIDA NA ROÇA**

### **Para além das ações emergenciais**

O estado do Paraná, através da Secretaria do Trabalho, Emprego e Promoção Social – SETP, promoveu 18 fóruns de debates sobre o Projeto Fome Zero do Governo Federal. Estes fóruns de debates tiveram como objetivo, colher contribuições para a elaboração do Projeto Fome Zero no Paraná.

Na região Sudoeste, este fórum aconteceu dia 25 de março de 2003 no Campus Francisco Beltrão da UNIOESTE e teve participação de mais de 300 pessoas.

O Projeto Vida na Roça – PVR foi então escolhido para ser apresentado a fim de contribuir na elaboração do Projeto Fome Zero para os municípios do Paraná.

Neste sentido, o PVR foi deste jeito apresentado ao Projeto Fome Zero:

- O PVR trabalha uma dinâmica de desenvolvimento municipal local, que aponta para o fortalecimento da capacidade e da autonomia da população. O PVR iniciou na Comunidade de Jacutinga, distrito de Francisco Beltrão em 1995. Ampliou-se e está funcionando hoje em mais 08 (oito) comunidades, além de estar funcionando também no município de Dois Vizinhos. As entidades parceiras do PVR são a ASSESOAR, os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão e de Dois Vizinhos, a CRESOL, a Escola Agrotécnica Federal de Dois Vizinhos, as Cooperativas de Leite da Agricultura Familiar – CLAF's, a UNIOESTE, a EMATER, e as Prefeituras Municipais de Francisco Beltrão e de Dois Vizinhos. O PVR foi apresentado em 2001 também ao então candidato e hoje Presidente da República, Luiz Inácio LULA da Silva, quando a caravana da Agricultura Familiar da qual fazia parte visitou a comunidade de Jacutinga.
- A apresentação foi feita pela coordenação municipal do PVR, que é composta por representantes das comunidades. Os jovens do teatro do PVR apresentaram a missão e os objetivos do projeto e, em seguida, a Professora Ana Elisa Steimbach da coordenação local do PVR na comunidade de Jacutinga apresentou a estrutura e a gestão do mesmo. O agricultor Getúlio Rech, da coordenação geral do PVR apresentou os trabalhos realizados em todas as dimensões do projeto (saúde e saneamento, educação, produção, cultura e lazer, relações humanas). Logo em seguida, as entidades parceiras falaram como vêm as contribuições do PVR ao Projeto Fome Zero. A UNIOESTE, falou pelas Pró-reitorias de Ensino, Extensão e Pesquisa; a Prefeitura de Francisco Beltrão representou o poder público municipal e a ASSESOAR, por sua vez, as organizações do campo popular.

### **Missão do Projeto Vida na Roça**

Promover o Desenvolvimento, nos aspectos econômico, social, político, cultural, ambiental, educacional e humano, baseado em projetos localizados e estruturados a partir da organização local e da discussão e solução dos problemas comunitários, fundamentados na cooperação e promoção de qualidade de vida e na perspectiva das políticas públicas.

### **Objetivos do Projeto Vida na Roça**

- Articular, na mesma prática de desenvolvimento, o conjunto das organizações populares e instituições para a melhoria da qualidade de vida da população do campo;
- Fortalecer a concepção na qual o desenvolvimento se faz pela relação de cooperação e autonomia entre governo e sociedade civil, recriando assim o conceito de política pública;
- Promover a autonomia da população a partir da superação da lógica da fragmentação, da descontinuidade e do clientelismo nas ações de desenvolvimento;
- Desenvolver ações a curto, médio e longo prazos que contemplem o conjunto das necessidades do desenvolvimento humano.

### **Funcionamento e Estrutura de Gestão do PVR**

É necessário um entendimento das organizações locais que se dispõem a participar do Projeto. Faz-se a discussão com as comunidades, tendo em vista a decisão de participarem ou não do trabalho, procede-se o levantamento dos sonhos e necessidades dos participantes do Projeto e também faz-se um diagnóstico de suas realidades. O trabalho segue com a realização de encontros e assembléias para definição e organização do trabalho nas suas diferentes dimensões: saúde e saneamento, educação, produção e comercialização, lazer/cultura/festa, relações interpessoais, qualidade de vida, alimentação... As ações vão sendo planejadas, avaliadas, replanejadas pelas coordenações das comunidades, pelas coordenações das atividades (leite, teatro, dança, esporte, escola...) e pela coordenação municipal do Vida na Roça.

#### **Para além das ações emergenciais, propomos:**

- Subsídios públicos à iniciativas de pequeno porte que gerem empregos e exigem pouco recursos;
- Ensino médio apropriado para o campo;
- Legislação apropriada para que os produtos da agricultura familiar possam ser comercializados

- fora do município;
- Formação de professores das escolas do campo;
  - Acompanhamento técnico em Agroecologia;
  - Superar o individualismo e fortalecer a cooperação;
  - Combater e superar as práticas clientelistas dos governos que agem movidos por interesses eleitoreiros que não promovem o desenvolvimento e cidadania, só criam vícios e dependência;
  - Promover a participação da mulher, jovens e crianças.

### **Posicionamento da ASSESOAR na Apresentação do Projeto Vida na Roça ao Projeto Fome Zero**

As ações emergenciais, historicamente, sempre foram coladas em interesses eleitoreiros. As ações da ASSESOAR e do PVR, sempre foram de pensar o desenvolvimento de forma estrutural, com políticas em diversas áreas. O PVR tem a oferecer ao Projeto Fome Zero sua forma autônoma de organizar-se e de gerir o desenvolvimento das comunidades. Quando se constroem projetos com autodeterminação, estes são instrumentos eficientes para articular as ações de diferentes entidades e devem constituir-se como desafios para os governos. A medida que várias comunidades constroem seus projetos que, por sua vez, articulam-se entre si, produzem coletivamente uma proposta de desenvolvimento.

### **Resultados Obtidos com o PVR**

#### **(Conforme identificação coletiva em Assembléias do PVR de Jacutinga)**

No PVR, os resultados têm significado para além dos números pois é, no mínimo, complicado medir tristezas e alegrias, mas estamos conseguindo desenvolver alguns indicadores sociais, tais como: dinâmicas das comunidades, relações interpessoais, participação, qualidade dos produtos, emprego e serviços, vendas diretas, formação, qualidade de vida e diminuição da sensação de isolamento que, sem dúvida, ainda precisam ser melhor trabalhados.

Os indicadores agroecológicos/ambientais que dizem respeito a produção como diversidade, produção de sementes, tamanho das lavouras, lavouras agroecológicas, intensidade de uso do solo, manejo de pastagens, não uso de venenos, processos naturais de recuperação da fertilidade, tratamento de lixo e esgotos, proteção de solos, fontes e rios e dependência de insumos, estão sendo melhor apreendidos conforme os diagnósticos que estamos realizando.

Os indicadores econômicos como a diversificação da produção, a autonomia financeira das famílias e, por conseguinte, as necessidades de subsídios para tal, a capacidade de reprodução da vida, do que se herda dos pais através da mediação, do diálogo, dos conhecimentos produzidos juntos e a eficácia com eficiência do trabalho, estão igualmente sendo apreendidos por todas as pessoas envolvidas.

Com o notável desempenho do PVR em Jacutinga, houve uma ampliação do mesmo para mais 08 (oito) comunidades de Francisco Beltrão. Além da Jacutinga, fazem parte hoje do PVR, as comunidades de São Braz, São Pio X, Vila Rural, Km 30, Rio Guarapuava, Santo Izidoro, Assentamento Missões e Linha Formiga e, mais que isso, houve recentemente a ampliação do referido projeto também para o município de Dois Vizinhos.

Na sua Comunidade de origem, o PVR melhorou a autoestima da população, pois Jacutinga é referência em desenvolvimento: surgiram 03 (três) agroindústrias de queijo, sendo duas ecológicas; uma agroindústria de açúcar mascavo; uma de embutidos e uma panificadora para a Feira de Produtos Agroecológicos (que passou a existir em Francisco Beltrão). Melhoraram as relações interpessoais na Comunidade após trabalho iniciado há um ano com acompanhamento de profissionais da área que, neste caso, trabalharam também em função de mudanças nos hábitos alimentares da população e, por consequência, de melhorias na alimentação.

A qualidade da água foi melhorada em função de estarem-se desenvolvendo processos de recuperação da mata ciliar e de limpeza e proteção dos rios e das fontes respectivamente. Aos poucos as moradias vão ficando cada vez melhores e mais embelezadas, o que demonstra o cuidado que as pessoas tem pelo que lhes é próprio. Foi organizada a coleta do lixo na comunidade (vila e linhas), contribuindo na melhoria da qualidade de vida para todos os seres habitantes do ecossistema que é único e infinitamente rico em vida, graça e beleza.

Passou-se a reconhecer, recuperar e valorizar a história da Comunidade de Jacutinga e de suas famílias, identificando os valores e os limites que precisam ser superados e assumindo coletivamente sua construção e/ou ela própria (a história). Prova disso é que houve a publicação de Cadernos Pedagógicos e do Livro "Projeto Vida na Roça" (volumes I, II e III) e se está editando atualmente um vídeo sobre a caminhada da Comunidade de Jacutinga enquanto precursora no/do PVR.

Jacutinga e arredores passaram a produzir, nos últimos 05 (cinco) anos, de 10 mil a 80 mil litros de leite por mês; houve a transferência das serrarias da vila para uma área industrial e foram plantadas mais de 140 mil mudas de árvores; houve melhoramento do solo e da produtividade também em grãos (250 sacas de milho por alqueire), pois foi realizado um trabalho de recuperação da fertilidade do solo.

Percebe-se já, mudanças de mentalidade quanto ao sistema de produção, muito embora as lógicas de dependência não tenham sido ainda superadas e a agroecologia não tenha avançado conforme se esperava. Há uma sensível diminuição no uso de agrotóxicos, utilização do sistema de piqueteamento de pastagens, plantio de sementes variedade e recuperação do solo com adubação verde e plantio direto, o que está fazendo duplicar a produção e, conseqüentemente o amor à terra por parte de quem nela trabalha.

Os jovens participam em grupos de dança e de teatro (inclusive com oficinas para estudo e aperfeiçoamento) e nos esportes. Com isso valorizou-se a cultura, mexeu-se novamente na auto-estima da Comunidade, fazendo-a crescer ainda mais e estimulando cada vez mais à participação de todos nos processos vários.

A Cooperação é vista como possibilidade para a agricultura familiar. Note-se aqui o nível dos depoimentos dados em assembléias:

"Passamos a valorizar o nosso conhecimento, pois recebemos muitas visitas para conhecer o trabalho."

"Fomos crescendo na capacidade de comunicar o que se faz e se pensa, na capacidade de discutir os problemas da Comunidade, de compreender as dinâmicas da democratização, do planejamento, da gestão dos recursos e da produção na propriedade."

"Hoje as decisões acontecem nos espaços coletivos."

"Temos famílias na feira agroecológica."

Quanto à saúde, houve trabalhos com medicina alternativa, com isso, a depressão e as filas para consultas já diminuíram, ou seja, melhorou a saúde, diminuiu o "stress" da população, aumentou o consumo de hortaliças, o que demonstra mudanças nos hábitos alimentares e melhoria na alimentação e na limpeza e conservação também dos alimentos.

Em educação, numa esfera municipal local iniciou-se a construção de um processo também pela prática pedagógica da escola pública, incluindo a formação de professores, desde que se tivesse clara, na concepção e no método, a necessidade de problematizar as condições de desenvolvimento em todas as dimensões. O que importa nestes processos é que as ações propostas provoquem tensões e rupturas no instituído, na prática escolar, principalmente no contexto do campo, cujos professores historicamente dedicaram-se ao trabalho baseado na cópia de modelos apropriados pela metodologia da transmissão de conhecimentos, dos treinamentos.

Na escola, com isso, mudou a forma de trabalhar os conteúdos, houve mais integração e participação dos pais; os educandos estão mais motivados porque discutem sobre suas vidas, sobre as

realidades de suas Famílias e Comunidade e porque começam a perceber que também podem ser, enquanto educandos, educadores. Enfim, a escola está bem dentro do PVR, ajudando a (re)pensar o desenvolvimento.

Ao final dos debates do fórum de 25 de março de 2003, foram expostas, pelo Secretário de Estado do Trabalho e Promoção Social, Pe. Roque Zimmermann, as prioridades da SETP, ocasião em que reafirmou a necessidade de participação da sociedade na elaboração de projetos. Salientou ainda que existem recursos para pequenas agroindústrias que produzam alimentos típicos e estabeleceu prazos para que todos os municípios implantem o Projeto Fome Zero.

\*\* \*\*

## **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO**

Este texto foi escrito a partir do Encontro de Gênero organizado na ASSESOAR em dezembro de 2002, assessorado por Moema Viezzer, tendo como participantes a equipe, a executiva e o conselho diretor.

*“Trabalhar com gênero obriga-nos a atuar ao nível das contradições sociais, no campo subjetivo, no campo das políticas, no campo das relações, no campo das instituições, no campo das normas, das leis. Essa não é a única compreensão feminista do que é trabalhar com gênero, mas essa é uma concepção feminista do que é trabalhar com gênero.”*

*(Sílvia Camurça)*

Relações de Gênero... de onde vem esta palavra? Se retomarmos o que já vimos em diferentes momentos sobre gênero, deveremos em primeiro lugar esquentar nossas idéias, lembrando que SEXO é um fato biológico, NATURAL, nascemos macho ou fêmea da espécie humana, com diferenças físicas, maneira de sentir, órgãos sexuais, hormônios. Estas são diferenças de sexo, portanto, não podem ser mudadas, como por exemplo, apenas as mulheres dão à luz.

GÊNERO é um fenômeno histórico, uma construção social, não nascemos com ele, a gente aprende as relações de gênero através da socialização que vivemos, portanto é social e pode ser revisto... Por exemplo, ao longo da história os homens sempre foram engenheiros e as mulheres professoras, entretanto homens e mulheres podem ser engenheiros e engenheiras e também podem ser professores e professoras ou então as mulheres sempre cuidaram das crianças e ficaram em casa e os homens saíram para trabalhar, entretanto os homens também podem cuidar de crianças e ficar em casa e as mulheres sair para trabalhar.

O Gênero masculino ou feminino é construído culturalmente, a espécie humana é a única que tem gênero, nos tornamos humanos, como homens e mulheres. A nossa cultura, por exemplo, dá preferência para que o primeiro filho seja homem para continuar o nome do pai; outro exemplo é que há uns tempos atrás se paria muitos filhos para se ter mais homens. Em muitos lugares no mundo, ainda hoje, se a mulher dá a luz a duas filhas, continua-se a tentativa e, em alguns casos, mata-se a terceira filha.

Estes jeitos tão diferentes de tratar homens e mulheres implicam sobremaneira na construção de gênero. Se bem observarmos, em relação ao estudo, até há pouco tempo o estudo era para os homens em primeiro lugar. Quando as primeiras mulheres começaram a estudar foi um escândalo, a primeira mulher engenheira significava um rompimento histórico. Ainda hoje, para as mulheres, a lógica no padrão de formação é que as mulheres tenham um emprego para servir aos homens.

O que é natural e o que é histórico nesta questão de gênero? O importante é dar-se conta que tudo aquilo que é histórico, foi construído pelas pessoas e pode ser mudado, então as relações que culturalmente homens e mulheres construíram, relações estas que construíram instituições, construíram o estado... podem ser modificadas também por homens e mulheres.

Muitas vezes, na vivência cotidiana nos parece que é um problema ser homem ou ser mulher. Qual o problema de ser mulher ou homem? Isto não é problema. Onde está o problema então? O problema está na construção social, naquilo que a cultura fez de nós, está em ser construído homem e mulher, deste ou daquele jeito. Junto com isso estão as opções que fazemos a partir desta lógica, nas nossas organizações, na nossa vida, no nosso trabalho, que marcam grandes diferenças e por que não dizer, em muitos casos, verdadeiras divisões. Este é o problema!

É importante dar-se conta então, que as relações de gênero são relações sociais e por isso quando nos dispomos a rever as relações de gênero, significa que estamos dispostos a rever todas as formas de organização e de convívio na sociedade e não simplesmente relações de convívio entre homens e mulheres na família considerada como espaço privado ou no máximo no trabalho.

Assim percebemos que a análise de gênero não é uma análise da situação da mulher, mas “é uma categoria de análise sociológica ainda em construção através da qual se procura desvendar a realidade social a partir dos papéis/relações que ao longo da história foram criados para homens e mulheres na sociedade”. Importante lembrar aqui que estas relações se articulam com outras que estão presentes na sociedade como classe, etnias/raças, idade, escolaridade, localização geográfica etc.

A diferença que se vive portanto não é maldade de ninguém, nem dos homens, nem das mulheres, pois a cultura da dominação de um sexo sobre o outro passou a ser entendida como natural, está no inconsciente humano – é como se fosse assim, se já nascêssemos diferentes. Muitas vezes nós mulheres, por exemplo, sentimo-nos incapazes de dirigir um caminhão, sentimos um medo muito grande... por sua vez os homens se tiverem de lavar a louça, esfregando cada panela, dando-lhe brilho, arrumando tudo na cozinha até colocar no lugar todas as toalhinhas de volta em seus lugares.... sentem-se mal e quase incapazes de reproduzir a “perfeição” das mulheres, estas diferenças parecem ser naturais e, não são, como também não são maldade nem dos homens, nem das mulheres.

### É uma questão de sub-ordin-ação

Precisamos retomar que, se o problema não está na mulher e também o problema não está no homem, o problema então está na SUB-ORDIN-AÇÃO da mulher ao homem, que podemos chamar de relação de dominação/subordinação de gênero e outro problema está na subordinação do gênero feminino ao gênero masculino, que coincide com a histórica (não natural) e que se transforma na subordinação do princípio feminino ao princípio masculino, existente em todos os seres humanos, dominação esta que se dará dentro de cada um dos seres humanos (homens e mulheres).

Isto nos trás uma conseqüência que já temos discutido, levantado questões, lutado, feito propostas, sem termo-nos dado conta de onde estaria assentada a raiz da questão. Na raiz da subordinação de gênero está a falta de equilíbrio entre as duas grandes esferas da existência humana: Produção (de bens) e (re)produção (da vida).

Estas dimensões estão presentes em cada um e cada uma de nós, mas também são dimensões planetárias. O consumo desenfreado no planeta (consumo de bens) coloca em risco a continuidade da espécie humana (a vida em todas as suas dimensões). Na relação da (re)produção da vida e da produção de mercadorias, continuar como está hoje é insustentável para a humanidade. Percebemos que de modo geral, não se valoriza a necessidade da (re)produção da vida tanto na terra quanto na mulher, ambas acabam sendo utilizadas para a produção de bens (materiais e simbólicos), produção e (re)produção não estão no mesmo nível de valoração.

Entendendo a esfera da PRODUÇÃO como uma esfera de onde se produz os bens, os serviços, as estruturas, naturalmente ela deveria estar a serviço da (re)produção, isto é, sustentar, manter, desenvolver, possibilitar a (RE)PRODUÇÃO da vida, reprodução que não é só procriar, mas (re)produzir a vida em todas as suas dimensões: material, física, psíquica, simbólica, espiritual...

Por exemplo, neste sentido, existe uma relação forte entre gênero e agroecologia, que valoriza a vida, a biodiversidade pois a agroecologia tem outras dimensões além da produção. Hoje se vive um dos cúmulo da negação da reprodução e um desrespeito total à (re)produção da vida, que são os bancos de genes – isto significa que se quer patentear nossa biodiversidade, nossa gente tão diferente, nossas comunidades. Podemos falar também, por exemplo, da Revolução Verde, preocupada apenas com o aspecto da produção além de destruir a vida do solo, a natureza, além de contaminar, também destruiu a

vida das famílias que viviam no campo, obrigando-as a sobreviver na cidade desenraizando-as e causando as dificuldades que conhecemos tão bem.

Ao longo de séculos e milênios, em grande parte da história, o que ocorreu foi a subordinação da (re)produção à produção, trazendo um desequilíbrio nas relações entre mulheres e homens através da subordinação da mulher ao homem. Esta subordinação se deu de modo bem particular através do desequilíbrio na divisão sexual do trabalho: trabalho de homem, trabalho de mulher. Numa esfera mais cotidiana esta divisão é percebida quando as tarefas bem específicas são divididas e com uma valoração diferente, normalmente lavar louça para os homens faz sentirem-se diminuídos. Numa esfera mais ampla, do mundo do trabalho e emprego, percebe-se esta divisão pelo valor desigual atribuído a tarefas ligadas à produção e ao mercado de bens em relação a tarefas ligadas à re-produção da vida. No campo, o trabalho de ir para a roça plantar, cultivar e colher, tem mais valor do que aquele de ficar em casa cuidando das crianças, cozinhando, lavando, cultivando alimentos para subsistência, na cidade o trabalho de gerente é mais valorizado que o da professora das séries iniciais, o trabalho de pedreiro é mais valorizado que o da faxineira e assim por diante.

O universo da produção é dos homens e nos parece natural até a maneira de pensar dos homens quando está mais voltada e dedicada a pensar o mundo da produção, da política, dos negócios, das decisões... O universo da (re)produção é das mulheres desde a maneira de olhar e sentir o mundo: percebem os idosos que tem na casa, os doentes, as crianças, assumem a educação e a religião, elas estão mais próximas e mais dedicadas ao cuidado com a vida.

### Um mundo subordina o outro

Existe uma diferença muito grande entre os mundos da produção e da (re)produção no sentido de que, também no mundo, tornam as relações desiguais não apenas no cotidiano ou nas instituições. Hoje, por exemplo, o que se quer é uma super produção e um super consumo, então é preciso conseguir muito petróleo, dominar, fazer uma guerra, retomar a produção de bens e conseqüentemente o consumo. Onde fica a (re)produção da vida nesta relação? Importa dominar o Afeganistão, o Iraque e transformá-los em um corredor de oleoduto. O que importa é o petróleo. E a fome que assola continentes e países? E as doenças da era colonial que estão de volta? Em 1990 eram 822 milhões de famintos (FAO). E a Ciência, as pesquisas onde estão colocadas? A serviço da (re)produção da vida ou da produção para o aumento do capital? Este investimento poderia resolver questões de doenças como a AIDS, subsidiar a produção de alimentos que além de matar a fome viabilizaria milhares de famílias que vivem no campo gerando outro tanto de empregos indiretos e erradicar o analfabetismo no mundo.

Se sabemos de tudo isto, então porque não acabamos de vez com esta forma de ser? Basta mudar, querer e empenhar-se! Não é tão simples assim, por que temos várias estruturas que sustentam as relações desiguais de gênero e que mantêm na sociedade a mulher subordinada ao homem e o feminino subordinado ao masculino na humanidade. São elas: a atual divisão do capital e do trabalho, as instituições como família, escola, igreja, política etc.; as normas e os valores praticados sejam eles escritos ou não; os símbolos como figuras, imagens, músicas, piadas, contos, causos etc. e a subjetividade que está em nossos sonhos, medos, desejos etc. e que são pessoais.

Neste sentido arriscamo-nos a dizer que, mesmo que as mudanças tenham que começar de dentro para fora, as relações pessoais que se encontram nestas condições que falamos, não representam nosso maior problema. O nosso maior problema hoje, que é urgente em nível de planeta, está nas relações estruturais. Falamos de planeta mas estas relações estão bem mais próximas de nós, seja nas entidades, municípios, organizações, governos etc. através das opções sócio-político-econômicas que fazemos e que deixamos de fazer.

Um Mundo Sem Divisões

(Gioconda Belli – Poeta nicaraguense)

Escutemos

Vamos desenhar futuros na areia

O homem e a mulher desenhando um mundo sem divisões.  
Um mundo onde o céu  
Não seja compartimentado.  
Onde o amor escape das janelas e dos parques  
E entre nas vassouras  
Nas trouxas de roupas, nas panelas ou nas crianças.  
Vamos desenhar um homem e uma mulher conversando  
Acompanhando-se no olhar, além da porta.  
Um homem e uma mulher alegres  
Caminhando na areia aos domingos  
Como se houvessem nascido juntos.  
Vamos desenhar um mundo único  
Onde o pequeno também seja importante.  
Vamos desenhar o lar do mesmo tamanho que a fábrica,  
Do mesmo tamanho que o melhor e o mais aguerrido combate.  
Vamos desenhar o amor com grandes letras  
E o homem e a mulher se amando.  
Vamos desenhá-los como a pedra angular de um formoso edifício  
Vamos desenhar a força de um homem e uma mulher  
E seu amor de leões pelos filhotes.  
Vamos desenhar uma estrela de luz,  
Uma estrela na frente do homem,  
Uma estrela na frente da mulher.  
Vamos desenhar com as cores que mais queiramos  
A cor da paz,  
A cor do amanhã  
A cor ondulante da cana-de-açúcar  
A cor dessa casa que chamamos de minha casa.  
Vamos desenhá-los como dois furacões de mãos dadas  
Que desenham o mundo novo.

### Onde queremos chegar?

O que se quer, enquanto feminismo, percebido aqui como instrumento teórico e prática política, quando se coloca na construção de uma categoria de análise das **RELAÇÕES DE GÊNERO**, é descortinar a realidade social e trazer à luz que é possível a mudança das relações de subordinação das mulheres aos homens e do feminino ao masculino para relações de reciprocidade onde homens e mulheres possam partilhar a produção e re-produção da vida como uma condição fundamental para a sustentabilidade e partilhar também dos sentidos, dos princípios do feminino e do masculino que existem em todos os seres humanos e conseqüentemente na humanidade.

A gente quer revisar as relações de gênero. O movimento das mulheres tem várias correntes, precisamos definir qual é a nossa corrente e lutar para superar uma relação desigual, construída a milhares e milhares de anos. A Bíblia nos traz fatos de 3 mil anos atrás que nos mostram como o Povo de Deus se comportava. Que relações de gênero estavam colocadas? No Novo Testamento, quando Jesus multiplicou os pães, o texto deixa bem claro: “eram cinco mil homens sem contar mulheres e crianças...” O Direito Romano dizia que a mulher era propriedade do homem, toda nossa estrutura jurídica se baseia no Direito Romano. Em seguida passamos para o Direito Napoleônico que tratava a mulher como dependente do homem, necessariamente toda mulher era feita pra encontrar um marido. Não era mais propriedade do

homem, como no direito Romano, mas dependente dele. Todas estas concepções, estas formas de ser, estão dentro de nós, nos constituem, constroem cultura e a sociedade que estamos vivendo. Estas relações, tão fortemente marcadas na nossa cultura devem ser revisadas e a revisão destas relações significa revisar tudo para se chegar à igualdade, na equidade e na reciprocidade – mulheres e homens buscando o mesmo caminho.

O poder econômico, administrativo, político, militar tem que ser recíproco; as câmaras de vereadores tem que ser recíprocas, os tempos, as formas de propor as políticas públicas, as decisões do orçamento, os tempos no trabalho, são pensadas para as atividades do homem, à maneira do homem. Precisamos repensar os tempos, que possibilitem a reciprocidade. Certamente uma das primeiras questões a superar é a competitividade que tem no seu reverso a partilha.

A partilha é a atitude forte a ser implementada, partilha do saber (o conhecimento da transformação dos produtos – agroindústrias – era da mulher), partilha do poder (pensar as reuniões, decidir sobre horários), partilha do prazer, (ter realmente prazer a dois, a mulher poder administrar a sua sexualidade), partilha do bem querer (acolher os assuntos de doenças, de idosos, de crianças) por isso, é preciso ensinar às crianças partilhar o bem querer.

### Como estamos por aqui?

Normalmente o Movimento Feminista tem sido passado para a sociedade como uma luta das mulheres contra os homens e isto é uma parte muito pequena do Movimento Feminista. Não é troca de papéis, mas a revisão das relações sociais, puxar a cortina para enxergar o mundo e as formas de organização e convívio na sociedade. Isto é uma atitude muito grande e leva a ter um outro olhar sobre as relações entre as pessoas de forma geral. Cometemos um erro, nesta lógica do movimento feminista, que foi de pensar que as mudanças vem de fora para dentro. Hoje percebemos e temos certeza que as mudanças são de dentro para fora e que é preciso revisar-se como pessoa, como profissional, como instituição.

Em nossas entidades e organizações temos que tirar da invisibilidade os trabalhos com a reprodução da vida, desafiar as relações convencionais, instituir mais gente para falar de gênero e assumir metodologias para atuar na base dos movimentos populares. É preciso também, neste sentido, revisar as relações homem/homem, como por exemplo, abrir estas relações e poder conversar de forma franca e corajosa sobre elas. Ter coragem de criar estes espaços significaria assumir as qualidades femininas que estão dentro de cada ser humano seja ele homem ou mulher.

Vivemos dois movimentos importantes, na recente história de gênero, foram os Movimentos de Mulheres e o Movimento das Margaridas (a primeira marcha das Margaridas, que reuniu 20 mil mulheres em Brasília, aconteceu em 2000. Uma iniciativa do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, naquele ano representou a marcha Mundial das Mulheres “2000 Razões para Marchar”. Em 2002 quase um milhão de mulheres participaram ativamente da marcha em todo o Brasil com o lema “Contra a fome, a pobreza e a violência sexista”). Neste momento é o Movimento do Campo – o que acontecer no campo poderá salvar a vida da terra e da humanidade. Neste sentido, as intervenções das mulheres, dos movimentos do campo, são fundamentais.

### Como fica a ASSESOAR?

É por isso que a ASSESOAR está se colocando na perspectiva de tematizar as questões de gênero e aprofundá-las para qualificar sua intervenção e construção de referências para o campo.

Existem pontos importantes que devemos começar a trabalhar como os projetos, as práticas, a linguagem e os conceitos – iniciar pela revisão do Trienal para institucionalmente recolocar a lógica de gênero buscando reconstruir as relações institucionais, profissionais e pessoais, sabendo que o trabalho que une homens e mulheres tornando recíprocos os princípios do masculino e do feminino é o que mais unifica e fortalece o trabalho popular.

Conforme o relato dos grupos de trabalho percebemos que ainda temos dificuldades de enxergar por falta de conhecimentos e mesmo de habilidade em lidar com as questões de gênero. Um primeiro aspecto como dissemos seria revisar o trienal, um seguinte é atuar de forma clara por dentro de todas as ações explicitando melhor a intencionalidade, tornando mais visíveis estas questões de gênero. Por exemplo no Projeto Vida na Roça organizar melhor como vamos discutir as questões de homens e mulheres para poder compreender melhor a Agroecologia, a nova discussão de fertilidade, a organização das agroindústrias. Outra ação é a educação de nível Pós Médio que vai atingir as famílias e seus projetos bem como as várias famílias e suas relações com vizinhos, grupos, associações. Também no curso de Desenvolvimento e Movimentos Sociais, incluir um eixo de Gênero e Desenvolvimento.

Um outro aspecto fundamental é ter a coragem de avançar nas contradições de gênero dentro da ASSESOAR. Como trabalhamos em equipe? Como nos colocamos nas tarefas? Assumimos os espaços? Quais diferenças existem entre as tarefas operacionais e de base e as intelectuais e que estão em espaços maiores? Qual a ênfase que percebemos no Trienal, quanto a (re)produção e a produção, ou estamos equilibrados?

Um segundo passo seria ampliar para fora, ajudando nas necessidades que estão colocadas a nível de entidades e de região, principalmente na concepção de gênero que está dada, e buscando superar a falta de fundamentos, ajudando a refletir de fato as relações que vivemos. É preciso criar uma reflexão de gênero e desenvolvimento na região, para tanto pensamos que seria possível constituir-se um Grupo de Estudos a partir da ASSESOAR, que poderia ir agregando mais pessoas, não na forma de prestar serviços, mas de irradiar um novo conteúdo, nova metodologia que suscitaria uma revisão de nossas práticas. Este Grupo de Estudos teria também a função de continuar refletindo, aprofundando e transformando internamente a ASSESOAR nas suas diferentes relações e programas.

**Historicamente a ASSESOAR sempre enxergou dimensões que outros atores tiveram dificuldade de entender e assumir, um dos fatos mais recentes é a sistematização que começamos com várias entidades e hoje estamos sozinhos... importa mais uma vez ser protagonista pois o tempo urge! Temos pouca gente no Estado que tem esta linha de gênero, é preciso preparar-se melhor, estudar, encontrar onde estão os grupos que seguem esta linha dentro do Movimento Feminista para que um outro mundo, mais humanizado, mais livre, seja possível.**

\*\* \*\*

### **A Crise é Mundial, a Resistência também é.**

A crise já é mundial. Este modo de produção (e de distribuição) atingiu, aparentemente, os seus limites. Continentes inteiros estão mergulhados na crise. A África vegeta em condições atroz. A espoliação da América Latina intensifica-se, com o colapso sucessivo de uns países após outros. Na Ásia Oriental, países que eram apresentados como exemplos para o mundo - "dragões", como os chamava o Banco Mundial - não conseguiram recuperar-se da crise de 1998. Entre os desenvolvidos, a situação está longe de ser brilhante. A vitória da contra-revolução na ex-URSS provocou a maior catástrofe econômica e social da história. O Japão está estagnado há mais de dez anos. Na Europa o desemprego já se tornou estrutural e conquistas sociais antigas são gradualmente revertidas. Nos EUA os colapsos da Enron e da Worldcom - as maiores falências da história econômica mundial - parecem antecipar um colapso sistêmico.

A agressividade do imperialismo intensificou-se após o desaparecimento do mundo socialista, pois já não teme as consequências. Multiplicam-se as guerras de agressão contra tudo e contra todos (Iraque, Jugoslávia, Palestina, Afeganistão, Colômbia, Filipinas, e ainda há mais em preparação). A lei da queda tendencial da taxa de lucro é inelutável no capitalismo, mas os monopólios tentam ultrapassá-la através da corrida armamentista e da guerra. Tais tendências agravaram-se após o golpe de 11 de Setembro de 2001. No plano interno dos EUA, direitos, liberdades e garantias que sempre existiram para o povo norte-americano estão a ser anulados (auto-censura dos Meios de Comunicação (Mídias), juntas

militares com poderes para julgamentos sumários, admissão da tortura, proibição de divulgação de informação até mesmo para os membros do Congresso, etc). No plano externo, agrava-se a espoliação do resto do mundo e a tentativa de espremê-lo até o último tostão (como na Argentina), sempre com os bons ofícios do FMI, Banco Mundial & OMC. Intensifica-se a luta pelo controle do petróleo que ainda resta no planeta, através de guerras (Afeganistão, Colômbia), tentativas de golpe de estado (Venezuela), ocupação militar (Arábia Saudita, emirados) e protetorados de novo tipo (ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central).

Estamos num fim de era, numa etapa de transição para alguma coisa que ainda não se sabe bem o que será. As crises - econômica, social, política, ideológica, ecológica, energética e moral - do capitalismo comprometem o futuro da espécie humana. Cada vez mais ameaçada, cabe-lhe resistir. Assim merecerá a classificação de homo sapiens, que se auto atribuiu. A história futura pode e deve ser feita no interesse da maior parte da humanidade. Ela ainda não está escrita. Os poderosos de hoje não viverão para sempre.

### **O mundo todo levantou-se contra a guerra!**

Em 15 de Fevereiro mais de 600 cidades em quase uma centena de países, desde a Antártida até às ilhas do Pacífico, aderiram ao protesto. Mais de 20 milhões de pessoas em todo o planeta manifestaram-se em conjunto e coordenadamente num mesmo dia, fato inédito na História. Os governos reacionários de todo o mundo saem enfraquecidos do dia 15 de Fevereiro de 2003.

Número de manifestantes em algumas cidades:

- Roma: 2.5 milhões
- Londres: 1.5 milhão
- Barcelona: 1 milhão
- Madrid: 1 milhão
- Paris: 800 mil
- Nova York: 500 mil
- Berlim: 500 mil
- Sevilha: 250 mil
- Melbourne: 200 mil
- Atenas: 200 mil
- Oviedo: 200 mil
- Montreal: 150 mil
- Dublin: 100 mil
- Bruxelas: 100 mil
- Las Palmas: 100 mil
- Cádiz: 100 mil
- Lisboa: +80 mil
- Amsterdam: 80 mil
- Toronto: 80 mil
- Estocolmo: 80 mil
- Los Angeles: 90 mil
- Glasgow: +60 mil
- Oslo: 60 mil
- Seattle: 55 mil

- Montevideo: 50 mil
- Stuttgart: 50 mil
- Thessalonika, Grécia: 40 mil
- Copenhagen: 35-40 mil
- Berna: 40 mil
- São Paulo: 30 mil
- Girona: 30 mil
- Vancouver: 30,000
- Goteborg, Suécia: 30 mil
- Tóquio: 25 mil
- Budapest: 20 mil
- Newcastle, Austrália: 20 mil
- Viena: 20 mil
- Lyon: 20 mil
- Perth, Austrália: 20 mil
- Irunea, País Basco: 20 mil
- Montpellier, França: 15-20 mil
- Luxemburgo: 15-20 mil
- Buenos Aires: 15 mil
- Rio de Janeiro: 15 mil
- Helsinki: 15 mil
- Mexico City: 10-15 mil
- Canberra, Austrália: 10-15 mil
- Trondheim, Noruega: 11 mil
- Porto: 10 mil
- Kolkata, Índia: 10 mil
- Johannesburg: 10 mil
- Minneapolis, EUA: 10 mil
- Zagreb, Croácia: 10 mil
- San Diego, EUA: 10 mil
- Philadelphia, EUA: 10 mil
- Edmonton, Canadá: 10 mil
- **Auckland, Nova Zelândia: 8-10 mil**

### **Guerra e genocídio premeditado:**

#### **O que está em jogo?**

por James Petras [\*]

*Estamos perante uma confrontação histórica entre os partidários do genocídio, que acreditam em um, dois ou muitos Afeganistões e Iraques, e a oposição florescente de milhões de seres humanos, dos seus melhores escritores e intelectuais, de tudo que existe de nobre e digno entre os seus porta-vozes religiosos e espirituais e, acima de tudo, dos seus líderes naturais entre as classes populares.*

O genocídio - a destruição maciça sistemática de um povo ou de uma nação - foi planejado até ao último pormenor tático. Os economistas calcularam de forma minuciosa o custo dos movimentos de tropas, dos bombardeamentos e da deslocação das populações, e em seguida calcularam o impacto da guerra sobre o orçamento nacional e os benefícios futuros a obter do petróleo, assim como o tempo que durará a ocupação e as despesas inerentes à mesma.

Trata-se de um genocídio cientificamente premeditado, semelhante ao que preparou a Alemanha nazista durante a Conferência Wannsee em Janeiro de 1942, quando o alto comando decidiu exterminar os judeus. A diferença principal com aquela experiência é que a decisão de Washington em relação ao genocídio antecede a guerra, e os verdugos (algozes, carrascos) de Bush difundiram-na amplamente através de documentos públicos e em discursos oficiais.

Os arquitetos da aniquilação são provenientes de diversos grupos étnicos, raciais e religiosos: dois são negros, alguns são anglo-saxões, há vários judeus e um é de origem hispânica. Todos, menos Powell, evitaram o serviço militar ou qualquer função de combate durante a guerra do Vietname. Todos eles estiveram implicados na planificação ou no apoio a guerras anteriores de agressão ou de atrocidades militares. Durante a guerra do Vietname, Powell escreveu um relatório onde justificava a matança de My Lai, quer dizer, o assassinio de centenas de camponeses desarmados por parte do exército americano. Quando da administração Reagan, Rumsfeld foi um grande defensor da intervenção militar e de apoio a terroristas na América Central, Ásia e África. Paul Wolfwitz e Richard Perle, como conselheiros do Likud, conceberam a estratégia da destruição sistemática do estado palestino, política que o regime de Sharon vem pondo em prática desde então.

Aquilo que no passado foram exercícios teóricos de limpezas étnicas, planificação de matanças localizadas e justificações teóricas, converteu-se agora numa doutrina sistemática de genocídio internacional. Cada membro da elite Norte Americana contribui com as suas patologias particulares: Powell, com a sua capacidade para sistematicamente fabricar «provas» que justifiquem as matanças; Condoleeza Rice, com o seu apego ilimitado ao poder seja a que preço for; Rumsfeld, com as frustrações de nunca ter sido mais do que um medíocre não-combatente que agora aparece como o maior estrategista militar do mundo; Wolfwitz e Perle, com o seu ódio visceral aos palestinos e aos árabes e a sua adesão incondicional às limpezas étnicas israelenses e ao terror.

O que interessa às elites não é o petróleo ou a Wall Street mas antes o poder ilimitado e o domínio mundial. Não vêem perigo algum na extrema direita e são aliados de Sharon. Para estas elites, as críticas de membros da NATO (Tratado para a Organização do Atlântico Norte) como Chirac e Schroeder representam o mal e não são mais que "obstáculos". Protegem e promovem os seus desonrados e servis vassallos na Europa do Leste e na América do Sul. As fanfarronadas e os insultos de taberna que lança Rumsfeld, ressoam como um eco pelos salões silenciosos das Nações Unidas. A aguda voz metálica de Bush procura a cumplicidade do povo americano para levar a cabo a sua invasão criminosa do Iraque. Os integrantes da elite militarista, cada um deles com seu próprio estilo, avançam em formação militar atrás do extermínio sistemático de uma nação inteira e isto com um sentimento absoluto de impunidade e uma arrogância cega.

Mas os seus conselheiros e os seus publicistas dizem-lhes que as pessoas estão inquietas. Centenas de milhares de cidadãos saíram para as ruas em todas as principais cidades e em muitos lugares em todo o território dos EUA. No princípio, receberam essas informações como sendo provenientes dos "esquerdistas habituais". Mas, entretanto, dezenas de milhares de outros cidadãos, que incluíam escritores conhecidos, artistas, ex-embaixadores e generais, uniram as suas vozes às das ruas. Busch e seus comparsas ficaram frenéticos e tentaram negar o clamor da oposição pública ativa: «Proíbam os protestos de rua», «impeçam qualquer cobertura pelos meios de comunicação social».

A guerra não é apenas uma conquista colonial imperial mas também um conflito entre a barbárie e a civilização, cujos resultados e consequências não se limitarão ao desenlace militar no Iraque. Estamos perante uma confrontação histórica entre os partidários do genocídio, que acreditam em um, dois ou muitos Afeganistões e Iraques, e a oposição florescente de milhões de seres humanos, dos seus melhores escritores e intelectuais, de tudo que existe de nobre e digno entre os seus porta-vozes religiosos e espirituais e, acima de tudo, dos seus líderes naturais entre as classes populares.

Como escreveu Jean-Paul Sartre, «não há saída», temos de tomar partido e enfrentar as consequências. Onde quer que vivamos e trabalhemos teremos que estar implicados, porque o império está por toda a parte, desde o norte do México ao centro de Buenos Aires, desde os jazigos petrolíferos do Próximo Oriente aos baixios de Jacarta. Mas os movimentos populares também estão por todo o lado. Nas ruas de Roma, Londres, Paris, Madrid, Atenas, Seul, Manila, Nova York e em centenas de outras cidades e pequenas localidades milhões de trabalhadores, de pobres urbanos, de camponeses, reformados, membros das classes médias e de estudantes vão-se mobilizando.

A grande confrontação irá ter lugar. Estamos a viver um tempo histórico. Acredito que iremos vencer. Não com a fé do visionário mas com a convicção de que a nossa luta representa o melhor do género humano.

**O original deste artigo encontra-se em <http://globalresearch.ca/articles/PET302A.html> e <http://resistir.info>**

### **A mística de Bush**

Leonardo Boff

Há muitas motivações que promoveram a guerra contra o Iraque, a económica (petróleo), a política (hegemonia planetária), a ideológica (plasmar (modelar) a globalização nos moldes norte-americanos) e outras. Uma, me parece, funciona como fio de um colar que sustenta a todas. É a visão mística do Presidente Bush e de seus mais próximos colaboradores. Esta mística repousa sobre dois dados da tradição cultural norte-americana: o destino manifesto e a religião civil.

O destino manifesto (Manifest Destiny) foi cunhado em 1845 pelo jornalista John O'Sullivan para justificar a anexação do México e o imperialismo norte-americano. Ainda em 1900 explicava o senador por Indiana Albert Beveridge: "Deus designou o povo norte-americano como nação eleita para dar início à regeneração do mundo". Essa ideologia esteve sempre viva na direita norte-americana e foi acenada muitas vezes por George Bush pai e filho. Faz-se contínua referência à "nossa superioridade moral" para justificar as invenções político-militares pelo mundo afora.

A religião civil procura conferir aura cristã ao destino manifesto na forma de integrismo e fundamentalismo religioso. Os fundamentalistas tomam a Bíblia ao pé da letra e a fazem roteiro para entender a história. Assim milhões de pessoas, seja vivendo nas periferias, seja em seus trabalhos profissionais até em centros de alta tecnologia acreditam que estamos nos últimos dias da história. Estes são marcados pelo enfrentamento do bem e do mal, por guerras devastadoras e pela atuação do Anti-Cristo. Proximamente dar-se-á a segunda vinda de Cristo que instaurará a era perfeita, preparando sua vinda definitiva quando os fiéis serão arrebatados ao céu, recebendo um corpo de glória. Emergirá, então, um novo céu e uma nova Terra. Curiosamente o fundamentalismo ebraico americano vê na instauração do estado de Israel parte do processo de redenção do mundo. Reconstruído o templo, o Messias viria, trazendo a redenção para todos. Margot Patterson no conhecido semanário católico - National Catholic Reporter - (11/10/02) mostrou a colaboração existente entre estes dois fundamentalismos, cada qual com seus objetivos, mas unidos na crença do fim da história (Will Fundamentalist Christians and Jews ignite Apocalypse?).

**Bush e seus colaboradores têm a profunda convicção de que Deus escolheu os Estados Unidos para salvar o mundo. Sentem-se instrumentos para essa missão divina. Todos os dias Bush**

**levanta mais cedo para ler a Bíblia e fazer suas orações. Antes de tomar decisões, o grupo reza para que Deus os faça cumprir esta missão de forma determinada.**

É conhecida a religiosidade fundamentalista de Bush e de seus colaboradores como o revelou a revista Newsweek em matéria de capa. Eles têm a profunda convicção de que Deus escolheu os Estados Unidos para salvar o mundo. Sentem-se instrumentos para essa missão divina. Todos os dias Bush levanta mais cedo para ler a Bíblia e fazer suas orações. Antes de tomar decisões, o grupo reza para que Deus os faça cumprir esta missão de forma determinada.

Agora podemos amarrar os elos: Bush se move por missão. Não precisa do aval do Conselho de Segurança. Ele tem o de Deus. É imperativo derrubar Saddam Hussein pois ele é uma das expressões do Anti-Cristo. Apropria-se do petróleo do Iraque porque fornece a base material para o cumprimento da missão. A globalização deve ser moldada pelos valores norte-americanos, pois só estes são queridos por Deus. Os outros não constroem o novo mundo.

O trágico é que Bush está cheio de “boa-vontade” sem nenhuma auto-crítica. Por isso, esta “boa-vontade” não é boa. Só produz guerra, "choque e pavor" e morte de inocentes.

Leonardo Boff. Teólogo

Esse texto pode ser encontrado em:

[http://alainet.org/active/show\\_text.php3?key=3378](http://alainet.org/active/show_text.php3?key=3378)

### **As armas de destruição maciça chegam a Bagdad**

Quem são os maiores produtores de armas?

*O complexo militar e industrial que, em sua origem, se encontra, enraizadamente, associado a indústria petrolífera e para o qual a disponibilidade de petróleo é um “interesse vital”, são uma realidade que hoje comanda a vida. Teremos, para nossa sobrevivência, que subverter essa realidade. Um sonho que comandará o mundo.*

As grandes petrolíferas norte-americanas contam-se entre as maiores corporações transnacionais do mundo. A Exxon é a segunda, a BP é a quarta, a Shell é a oitava, a Chevron Texaco é a 14.<sup>a</sup>; só depois desta em 15.<sup>o</sup> lugar, a Total Fina Elf é a primeira petrolífera não norte-americana (Fortune , July 22, 2002).

As maiores corporações produtoras de armamento são norte-americanas também. A Lockheed Martin e a McDonnell Douglas são as duas primeiras; Northrop Grumman, General Motors e Hughes Electronics ocupam do quarto ao sexto lugares; em terceiro lugar está a britânica British Aerospace e em sétimo a francesa Thomson; e assim por diante. [Council for a Livable World, Arms Trade Oversight Project , 2002]

Destas corporações, a General Motors é, a terceira maior transnacional, na totalidade das suas atividades, e ocupa o quinto lugar no setor de armamentos e a General Electric, sendo a nona na totalidade das suas atividades, é a 22.<sup>a</sup> no ramo de armamentos. E assim por diante.

Os cinco países que atualmente têm os maiores orçamentos militares são, por esta ordem: EUA (com 36% do total), Rússia, França, Japão e Reino Unido que, em conjunto, são responsáveis por quase 60% da despesa mundial neste setor - US\$ 770 mil milhões. Estas despesas refletem-se, em particular, no domínio aero-espacial: Washington tem cerca de 110 satélites militares ativos e a Rússia tem cerca de 40. Outros países têm cerca de 20. (Folha de São Paulo, 15 de Junho de 2002).

O orçamento militar dos EUA para 2003 foi incrementado em cerca de US\$ 45 mil milhões, um crescimento anual superior a 10%, o maior verificado desde 1966 (no auge da Guerra no Vietname). A proposta do governo foi aprovada quase sem contestação. O aumento do orçamento foi justificado para o desenvolvimento de aviões, navios e de armas; para a manutenção e envio de tropas para o Afeganistão e para outros locais no quadro da “guerra contra o terrorismo”. As forças armadas norte americanas totalizam 1.390.000 militares no ativo e perto de outro tanto no conjunto pessoal civil do DOD e militares na reserva. (Council for a Livable World, Fiscal Year 2003 Military Budget at a Glance , Washington, 2002).

E quanto ao ano fiscal de 2004, que começa em Outubro próximo, Washington pretende dar ao Pentágono US\$ 380 mil milhões - US\$ 15 mil milhões a mais que em 2003 - num orçamento federal total de US\$ 2,2 milhões de milhões. Os gastos dos EUA com defesa, no entanto, não ficam por aí: somando-se todas as despesas conexas de outros ministérios, o país gastará US\$ 399 mil milhões em 2004, ainda sem contar o custo da segunda Guerra do Golfo. Com os aumentos anuais programados para os próximos anos, Bush quer fazer o orçamento militar chegar a US\$ 483 bilhões até o fim da década. A China, que tem o segundo maior orçamento militar do planeta, gasta cerca de US\$ 40 mil milhões anuais com suas Forças Armadas.

O complexo militar e industrial que, em sua origem, se encontra, enraizadamente, associado a indústria petrolífera e para o qual a disponibilidade de petróleo é um “interesse vital”, são uma realidade que hoje comanda a vida. Teremos, para nossa sobrevivência, que subverter essa realidade. Um sonho que comandará o mundo.

22 de Março de 2003.

Este artigo encontra-se em <http://resistir.info> .

### **Vencedor de Óscar fala de seu filme e da Guerra**

O cineasta Michael Moore vencedor do Óscar com o filme “Bowling for Columbine” fala do que viveu e do que disse na hora de receber o prêmio. O original desta carta encontra-se em [www.michaelmoore.com](http://www.michaelmoore.com) e em <http://resistir.info>

7 de Abril 2003

Caros amigos,

Parece que a administração Bush irá conseguir colonizar o Iraque dentro dos próximos dias. Este é um erro de uma dimensão tal que iremos pagar caro por ele durante anos.

O meu maior receio neste momento é que todos vocês - a maioria dos norte-americanos que desde o começo se opõe a esta guerra - guardem silêncio ou sejam intimidados por aquilo que será apresentado como uma grande vitória militar. Agora, mais do que nunca, as vozes da paz e da verdade devem fazer-se ouvir. Tenho recebido muita correspondência de gente que se sente completamente desesperada, que acredita que as suas vozes foram abafadas pelo rufar dos tambores e pelas bombas do falso patriotismo. Há quem tenha medo de sofrer retaliações no trabalho, na escola ou nos seus locais de residência por se terem manifestado claramente em favor da paz.

Posso partilhar convosco aquilo que tem sido a minha experiência depois de ter usado o meu

tempo no palco dos Óscares, há duas semanas, para me manifestar contra Bush e contra esta guerra. Espero que, ao lerem o que lhes vou contar, se sintam um pouco mais encorajados.

Quando "Bowling for Columbine" foi anunciado como o vencedor do Óscar para melhor documentário na cerimônia de entrega dos Óscares da Academia, o público presente aplaudiu de pé. Foi um grande momento, algo que jamais esquecerei. Eles aplaudiam de pé um filme onde se proclama que nós, norte-americanos, somos um povo violento, que usa poderosos arsenais armazenados para se matar entre si, e para usá-lo também contra muitos outros países por esse mundo fora. Eles aplaudiam um filme onde se mostra que George W. Bush usa medos fictícios para amedrontar o povo de forma a que este lhe dê aquilo que ele quer. E eles prestavam homenagem a um filme que proclama o seguinte: a primeira guerra do Golfo foi uma tentativa para reinstalar o ditador do Koweit; Saddam Hussein foi equipado com armamentos dos Estados Unidos; e o governo norte-americano é responsável pelas mortes de meio milhão de crianças iraquianas durante a última década, através de sanções e de bombardeamentos. Foi esse o filme que eles aplaudiam, foi esse o filme no qual eles votaram, e foi isso que decidi não ignorar no meu discurso de agradecimento.

Então, eu disse o seguinte, no palco dos Óscares: "Em nome dos nossos produtores Kathleen Glynn e Michael Donovan (do Canadá), eu gostaria de agradecer à Academia por este prêmio. Eu convidei os outros nomeados para Melhor Documentário a subiram ao palco comigo. Eles estão aqui em solidariedade, porque nós gostamos de não-ficção. Nós gostamos de não-ficção porque vivemos em tempos fictícios. Vivemos num tempo onde resultados eleitorais fictícios nos deram um presidente fictício. Travamos agora uma guerra por razões fictícias. Seja pela ficção da fita isoladora contra ataques químicos imaginários ou pelos fictícios "alertas laranja", nós estamos contra esta guerra, Sr. Bush. Tenha vergonha, Sr. Bush, tenha vergonha. E, sempre que conseguir reunir as vozes do Papa e das Dixie Chicks (grupo de música country) contra si, saiba que é hora de se ir embora".

Infelizmente, Bush e companhia ainda não acabaram o serviço. Esta invasão e esta conquista vão encorajá-los a repetir a dose em outros lugares. O verdadeiro propósito desta guerra é dizer ao resto do mundo: "não se metam com o Texas", se vocês têm aquilo que nós queremos, nós vamos aí buscá-lo!

Esta não é hora para que nós, que acreditamos nos EUA pacífico, nos silenciemos. Façam ouvir as vossas vozes. Apesar do que eles fizeram, este ainda é o nosso país.

Cordialmente,  
Michael Moore

### **Presidente Lula fala sobre a guerra do Iraque**

Eu quero me dirigir a vocês, da imprensa brasileira e ao povo brasileiro, para lamentar o início da ação armada no Iraque e, em particular, o recurso à força e sem autorização expressa do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Desde que assumi a Presidência, tomei uma série de iniciativas em busca de uma solução pacífica para a crise, com o pleno cumprimento pelo Iraque das resoluções do Conselho de Segurança. Nesse sentido, conversei, pessoalmente e por telefone, com vários líderes e governantes do mundo. Até o último momento, estive empenhado em buscar uma solução negociada. Com este objetivo, fiz repetidos contatos com o Secretário Geral das Nações Unidas. Da nossa parte, a diplomacia brasileira e eu pessoalmente fizemos todo o possível para que o conflito fosse evitado.

Diante do início da guerra, preocupa-nos o sofrimento de inocentes, cujas vidas devem ser

preservadas. Faço um apelo para que sejam respeitadas as normas do direito internacional humanitário, principalmente no que se refere à proteção das populações civis e dos refugiados.

Inquietam-nos também repercussões regionais e internacionais do conflito. Não queremos ver o agravamento da instabilidade no Oriente Médio, região de onde descendem milhões de brasileiros e brasileiras e à qual nos unem laços de amizade e cooperação.

Todos precisamos de estabilidade e de paz, para levar adiante nossa luta pelo desenvolvimento econômico com justiça social. Estamos tomando todas as providências para que o povo brasileiro não sofra com os efeitos da guerra.

Estamos cuidando do abastecimento, da saúde, da vigilância de nossas fronteiras, e do apoio aos brasileiros, que vivem na região afetada pelo conflito.

Estou certo de que, com todas essas atitudes, interpreto o sentimento do povo brasileiro, que deseja viver num mundo pacífico, em que as normas do direito internacional sejam plenamente respeitadas.

### **O Iraque já não é seguro e vai ficar ainda pior**

por Robert Fisk

Correspondente em Bagdad de The Independent.

Nasiria, 30 de Maio.

Na realidade, as mentiras dos homens que enviaram os exércitos americano e britânico à Mesopotâmia estão a ser descobertas. Efetivamente, Tony Blair apresentou-se esta semana em Bassorá com a sua retórica sub-churcheana sobre a "coragem", as suas alusões ao "sangue derramado e baixas verdadeiras" e as suas expressões de pesar pelos soldados britânicos que "não regressarão à pátria".

Porém, quem enviou os britânicos morrer no Iraque? Se houve "baixas verdadeiras", quem falou de armas de destruição massiva, que eram tão reais quando o primeiro-ministro queria ir para a guerra e parecem tão irreais agora que a guerra terminou?

Blair disse que ainda as encontraremos e que devemos ter paciência. Todavia, o Secretário de Estado da Defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, diz agora que talvez não existissem quando a guerra começou.

Em Londres e Washington seguir-se-ão as repercussões de tudo isto a nível interno, mas a reação no Iraque é muito mais agressiva. Um novo mural que vi na quarta-feira passada no populoso bairro da Cidade Sader (anteriormente Cidade Saddam) conta a sua própria história. "Ameacem os norte-americanos com atentados suicidas", exorta.

Não é difícil ver como cresce a cólera. O caminho que vai de Nasiria a Bagdade já não é seguro de noite. Agora há assaltantes à espreita na estrada, da mesma forma que há vadios e saqueadores nas ruas de Bagdade. E vislumbro nisto uma estranha simetria.

Nos tempos do odiado talibã, podia-se percorrer o Afeganistão de carro de dia ou de noite. Agora

não se pode viajar de noite com receio dos assaltos, homicídios e violações. Nos tempos do odiado Saddam podia-se atravessar de carro sem perigo a maior parte do Iraque. Agora não se pode: por algum motivo estranho, a "libertação" norte-americana tornou-se sinónimo de anarquia.

Outro aspecto é a chuva de periódicos que aparecem em Bagdade, e que informam sobre os lucros que as empresas norte-americanas obtêm com a guerra.

Os aeroportos iraquianos estão subcontratados, a administração do porto de Um Quasr foi arrecadada por 8,4 milhões de dólares por uma empresa norte-americana, de que um dos gestores tinha sido, por mera casualidade, assistente de Bush filho quando este era governador do Texas. Halliburton, a antiga empresa do vice-presidente Dick Cheney, tem contratos importantes para extinguir os incêndios dos poços de petróleo no Iraque, construir bases norte-americanas no Kuwait e transportar tanques britânicos.

A empresa que tem mais probabilidades de ficar com os contratos de reconstrução do Iraque é a gigantesca corporação Bechtel, cujo vice-presidente, o general na reforma Jack Sheehan, é membro do Conselho de Política de Defesa do presidente Bush.

Trata-se da mesma Bechtel que, segundo o relatório sobre armamento que o Iraque apresentou às Nações Unidas antes da guerra - o qual foi rapidamente censurado por Washington - ajudou em tempos Saddam a construir uma fábrica de produção de etileno, que pode ser utilizado para o fabrico de gás mostarda.

O conselho de administração da Bechtel tem entre os seus membros o ex-secretário de Estado George Schultz, que por outra mera casualidade é o presidente do conselho de assessores do Comité para a Libertação do Iraque, o qual tem certamente laços estreitos com a Casa Branca.

A reconstrução do Iraque, que custará provavelmente cerca de 100 mil milhões de dólares, os quais - e nisto está a graça da questão - serão pagos pelos iraquianos com as receitas das futuras vendas de petróleo, as quais, por sua vez, beneficiarão as companhias petrolíferas norte-americanas, que preparam já os seus planos para extrair o petróleo do Iraque.

De todo isto os iraquianos estão bem conscientes. Assim, quando vêem, tal como eu, os grandes comboios de veículos norte-americanos que passam zunindo pela estrada Saddam em direcção ao sul e a oeste de Bagdade, que pensam?

Reflectem, por exemplo, no recente ensaio de Tom Friedman no New York Times, no qual o colunista (que culpa Saddam da pobreza dos iraquianos sem nunca se referir aos 13 anos de sanções das Nações Unidas, apoiadas pelos Estados Unidos) anuncia: "O melhor desta pobreza é que os iraquianos se encontram tão desorientados que, na sua grande maioria, parecem dispostos a dar aos norte-americanos a oportunidade de transformar o país num lugar melhor".

Fico perplexo com este e outros comentários de "peritos" da comunidade intelectual da costa Este dos Estados Unidos. Porque me dá a impressão, ao observar o igualmente assombroso controle exercido pelos EUA nesta parte do mundo, o seu imenso poderio bélico, as suas bases e pessoal na Europa, nos Balcãs, na Turquia, Jordânia, Kuwait, Iraque, Afeganistão, Uzbequistão, Turquemenistão, em Barein, Doha, Oman, no Iemen e em Israel, que não se trata só do petróleo, mas também da mera projecção de poder global por parte de uma nação que, na realidade, possui armas de destruição massiva.

A íntegra deste artigo encontra-se em <http://resistir.info>

A tradução espanhola encontra-se em

<http://www.rebellion.org/imperio/030601fisk.htm>

\*\* \*\*

## **A ASSESOAR RECEBEU O PRÊMIO BEM EFICIENTE DE 2003**

A ASSESOAR recebeu, pela segunda vez, no dia 13 de maio de 2003, o prêmio Bem Eficiente, outorgado todo ano para as 50 entidades beneficentes mais bem administradas do país.

O prêmio é outorgado pela Kanitz & Associados, empresa de consultoria com 20 anos de experiência na avaliação das melhores empresas brasileiras. É uma iniciativa de sete empresas: Accor, Banco Dibens, DM9DDB, Firmenich, Grupo Solvay e Intermédica sistema de Saúde. O objetivo da iniciativa é prestar um justo reconhecimento aquelas entidades que tiveram um desempenho profissional fazendo o bem.

A lista das 50 vencedoras está disponível na internet, no site [www.melhores.com.br](http://www.melhores.com.br). Através do mesmo site também é possível conhecer a relação de vencedores dos anos anteriores.

A ASSESOAR, concorreu com mais 429 entidades e foi avaliada segundo seus resultados organizacionais, financeiros, operacionais, sua transparência e impacto social.

Cada uma das entidades foi analisada segundo 42 critérios de avaliação, por padrões internacionais, na área de beneficência. O prêmio Bem Eficiente é um dos mais rigorosos da área, e seus resultados são conferidos por um Conselho Superior, que certifica que não houve favoritismo, influência política ou subjetivismo na escolha.

Este ano, 32 das vencedores são do Estado de São Paulo, quatro de Minas Gerais, três do Paraná, duas de Pernambuco, duas do Estado do Rio de Janeiro, e as outras pulverizadas entre os Estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe.

\*\* \*\*

## **O TEATRO ESTÁ NO CAMPO**

O Projeto Vida na Roça – PVR que, dentre suas dimensões, trabalha também a dimensão cultural, deixa em cena, desde o dia 10 de maio de 2003, o Teatro do Campo para todas as pessoas. Dispostas a apresentarem suas produções aos mais variados públicos, principalmente ao público do campo, as três Companhias de Teatro que participaram, naquela fria noite de maio, da I Mostra de Teatro do Campo em Jacutinga, Francisco Beltrão, PR, orgulham-se por poder partilhar seu conhecimento sobre teatro, seja através de texto escrito com auxílio da internet para apresentação da referida mostra e transcrito em cinco atos, uma metáfora e depoimentos nas próximas linhas, ou através das apresentações mesmas de cada Companhia.

Sem desmerecer grandes mestres do teatro como Shakespeare, Molière, Mariela Romero, Glauber Rocha ou tantos outros, mesmo porque, sem eles não teríamos chegado até aqui, tanto a Companhia de Teatro Jovem Ousadia, quanto as Companhias de Teatro “Theaomai” e GTAM, escreveram seus próprios textos e/ou montaram seus próprios roteiros, sonharam e executaram seus figurinos e cenários, fizeram suas próprias maquiagens, estudaram suas trilhas sonoras, luzes e efeitos especiais, o que implica trabalhar com uma concepção de desenvolvimento que permita conhecer e saber “o todo” de um teatro e não apenas uma parte.

Neste sentido, pode-se dizer que o teatro foi encarado como uma forma de trabalhar a formação dos jovens do campo e de lutar por Políticas Públicas de cultura e lazer também para o campo. Neste sentido, pode-se dizer que a I Mostra de Teatro do Campo é produto genuinamente “nosso”, isto é,

produto das protagonistas sociais do campo, o que caracteriza a ousadia destas pessoas e dos projetos por elas trabalhados, coisa que lhes é peculiar.

*“Escrever uma peça é muito interessante. Nós nunca havíamos sentado para conversar, quanto mais para escrever um texto coletivamente.” (Uma Artista da Caminhada)*

## 1º ATO

Ninguém sabe ao certo como e quando o teatro surgiu, provavelmente nasceu com a curiosidade do homem, que desde o tempo das cavernas já devia imaginar como seria ser um pássaro, ou outro bicho qualquer. De tanto observar, ele acabou conseguindo imitar esses bichos, para se aproximar deles sem ser visto numa caçada, por exemplo. Depois, o homem primitivo deve ter encenado toda essa caçada para seus companheiros das cavernas só para contar a eles como foi, já que não existia ainda linguagem como a gente conhece hoje.

Isso tudo era teatro, mas ainda não era um espetáculo. Muito provavelmente, o espetáculo de teatro só foi aparecer quando os rituais entraram em cena. Assim, chama-se hoje de teatro a algo que é constituído por um texto escrito para ser interpretado por atores e atrizes, num palco.

Quem vai assistir a essas peças engraçadas e debochadas hoje em dia talvez nem imagine que o teatro, há muito tempo, era sagrado. As pessoas acreditavam que por meio de rituais era possível invocar deuses e forças da natureza para fazer chover, tornar a terra mais fértil e as caças mais fáceis, ou deixar os desastres naturais bem longe de sua comunidade. Estes rituais envolviam cantos, danças e encenações de histórias dos deuses, que assim deveriam ficar felizes com a homenagem e ser bonzinhos com os homens.

Ainda hoje, muitos tipos de teatro, especialmente no Oriente, são ligados ao sagrado e encenam histórias de deuses há milênios... mas aqui no Ocidente, um tipo bem especial de teatro surgiu a partir destes rituais: o Teatro Grego.

Considerado como a arte de representar num palco envolvendo a despersonalização do ator, o Teatro Grego começa então com “Thespis”. Sobre ele conhece-se muito pouco, não se sabe se seria um escritor, um ator ou um padre.

Muitos deuses eram cultuados na Grécia há muito tempo, cerca de cinco séculos antes de Cristo. Eram deuses parecidos com os homens, que tinham vontades e humores, e eram ligados com os elementos da Natureza e da Vida. Um deus muito especial era “Dionissos” ou “Baco”, deus da fertilidade, deus do vinho, do entusiasmo e do teatro. Em sua homenagem, eram feitas grandes festas, em que as pessoas cantavam e narravam em coros uma poesia chamada ditirambo.

Dos ditirambos nasceu outra festa para homenagear Dioniso, as Dionísias Urbanas. Foi nas Dionísias que surgiu o primeiro traço do teatro como o conhecemos hoje: um dos atores se desligou do coro e disse ser um deus, ou um herói, e não ele mesmo, e começou a dialogar com o coro. Foi assim que surgiram os primeiros atores, e este foi o primeiro passo para as peças de teatro escritas.

As peças contavam histórias dos mitos gregos, onde os deuses eram muito importantes. Elas passaram a ser representadas em espaços especiais, que são parecidos com os teatros de hoje, espaços estes que podiam albergar até 20.000 pessoas. Eram construções em forma de anfiteatro, ou meia-lua, cavadas no chão, com bancos parecidos com arquibancadas, chamados teatros de arena. Um dos mais famosos está de pé até hoje, em Atenas e se chama Epidaurus.

Uma coisa curiosa nas encenações é que só os homens podiam atuar, já que as mulheres não eram consideradas cidadãs. Por isso, as peças gregas eram encenadas com grandes máscaras!

Os atores e o coro usavam máscaras. As máscaras do coro eram similares entre si, mas totalmente diferentes das dos atores. Uma vez que as peças tinham um número muito limitado de atores, diferentes máscaras significavam diferentes personagens, havendo assim um maior número de papeis. Por serem todos do sexo masculino, os atores necessitavam das máscaras também para poderem interpretar papeis femininos.

Então surgiram as famosas tragédias e comédias gregas!

E, para finalizar este ato da I Mostra de Teatro do Campo apresentou-se, da Seção Progresso de Francisco Beltrão, a Companhia de Teatro Jovem Ousadia com a comédia: “Nasze Razenie” que, em bom português significa “Nossas Raízes”.

Ambientada para a década de 50, essa comédia em que atuaram 13 atores e atrizes, resgata a cultura polonesa. Cultura da qual esses atores e atrizes estão impregnados e propunham socializá-la com os presentes.

***“O teatro é importante para uma nova aprendizagem e para mostrar aos jovens que é possível um amanhã melhor no campo.” (Uma Artista da Caminhada)***

## **2º ATO**

As tragédias eram histórias dramáticas, e mostravam homens que, por não aceitarem a vontade Divina, acabavam em maus bocados. Os autores de tragédia grega mais famosos foram “Aeschylus” (525-456 a. C.) que introduziu o conceito de um segundo ator, expandindo as possibilidades de interação de duas personagens nos dramas; “Sophocles” (496-406 a. C.) que introduziu um terceiro ator, reduzindo também a importância do coro e dando mais relevância à teia do drama e à interação de personagens e “Eurípidés” (480-406 a. C.) que apurou o drama aquilo que nós conhecemos hoje, dando uma aproximação mais humana e realística aos seus trabalhos.

As comédias eram histórias engraçadas chamadas sátiras, que são gozações da vida. Dois grandes autores de comédia grega foram “Aristophanes” (448-380 a. C.) e “Menander” (342-292 a. C.) que escreviam comédias, também dedicadas a Dioniso.

Todos esses autores influenciaram muito o teatro que veio depois, e suas peças são encenadas até hoje, a exceção de algumas comédias que, por dependerem sempre de um tempo e de uma época, mais dificilmente resistiram ao tempo do que as tragédias, que mais facilmente prevaleceram, uma vez que falam de temas universais. No entanto, a comédia é um escape para as frustrações de uma sociedade, bem como um divertimento de massas, vendo-se aqui o papel importante que o teatro tinha na sociedade grega e tem hoje no Projeto Vida na Roça.

Com o declínio do governo e sociedade gregos, que gera frustração e, portanto, ascende a comédia em suas instâncias, floresce o Império Romano.

Os Romanos foram buscar o teatro dos gregos.

O teatro tomou então duas formas: a “Fábula Palliata” e a “Fábula Togata”.

A “Fábula Palliata” consistia em peças gregas traduzidas para o Latim. Este termo também abrange as peças romanas baseadas em peças gregas.

A “Fábula Togata” é de origem romana e os temas eram farsas e situações de humor de origem física.

O autor que melhor ilustra estes dramas é “Plautus” (250-184 a. C.).

Neste período o Teatro Romano degenerou em espetáculos obscenos e brutais (tais como espetáculos de gladiadores, que conhecemos tão bem dos filmes de Hollywood), talvez como reflexão de uma sociedade. Peças de conteúdos mais sério também eram escritas, não para serem encenadas, mas lidas ou recitadas.

No entanto, o impacto que o Teatro Romano causou na Igreja não foi bom. A tendência para comédias de baixo nível associadas ao entretenimento de arena (e também ao martírio dos primeiros cristãos) contribuiu para a desaprovação destes tipos de espetáculos que acabaram por desaparecer.

No século IX o drama voltou aos palcos desta vez na Igreja. Normalmente eram histórias bíblicas e eram representadas por padres. Estas representações na Igreja eram uma forma de estabelecer uma ligação com a comunidade, uma comunidade ainda firme nos rituais e superstições pagãos. Assim a Igreja utilizou-se do drama de modo a ilustrar as histórias bíblicas, histórias que explicavam as festas católicas (que antes haviam sido festas pagãs). Reforçava sua conotação religiosa e conseguia melhor comunicar-se com uma congregação na sua maioria iletrada.

É irônico pensar que tenha sido a Igreja a acabar com o teatro e ao mesmo tempo o tenha

mantido vivo ao longo dos anos. Afinal, ainda hoje, e não só no campo, se representa normalmente na Sexta-feira Santa e na véspera do Natal.

A popularidade dos dramas começou a crescer, passando das igrejas para o ar livre, normalmente em frente às igrejas, nas grutas ou nos “Morros dos Calvários”.

Lembrou-se então, que mesmo em Jacutinga, Comunidade anfitriã da I Mostra de Teatro do Campo, o teatro veio diretamente da gruta para o palco, com a Companhia de Teatro “Theaomai” representando a peça “Vida na Roça” e encerrando este segundo ato.

Com 11 atores e atrizes em cena, esta peça buscou refletir a realidade do projeto homônimo (de mesmo nome – Projeto Vida na Roça), conhecido por todas as pessoas da Comunidade e arredores. Projeto este que, por trabalhar as dimensões de produção, educação, saúde, lazer, cultura e relações interpessoais visando o desenvolvimento tecnológico, econômico e humano das Comunidades que dele fazem parte, propiciava naquela noite um momento cultural inédito.

*“Faz saber como trabalhar em grupo porque, no teatro, um depende do outro .” (Um Artista da caminhada)*

### 3º ATO

Muitos anos depois, na Idade Média, lá por volta do século XII, apareceram na Europa companhias de teatro que iam de cidade em cidade. Este teatro já não tinha nada de religioso, e seus atores e atrizes, chamados de saltimbancos, literalmente carregavam a casa nas costas, tal e qual as companhias que naquela noite apresentavam suas produções. E não só a casa, carregavam também seus cenários, seus figurinos, sua maquiagem etc. Eles andavam em carroças, sempre em bandos chamados trupes e não tinham morada certa. Eles também representavam peças engraçadas ou dramáticas, como os gregos. Hoje, esse teatro itinerante é também conhecido como teatro mambembe.

Mas ficar "de galho em galho" não era o sonho de vida dos saltimbancos! É que na época em que eles viviam, a Igreja era muito poderosa e implicante e escolhia o que as pessoas podiam representar, de preferência textos cristãos. E os saltimbancos não queriam saber dessa prisão, pois o negócio deles era usar a criatividade e representar o que bem quisessem.

Perseguidos pela Igreja e sendo tratados como foras-da-lei, os saltimbancos começaram a usar máscaras, para não serem reconhecidos. Uma tradição que descende diretamente dos saltimbancos é o circo, que até hoje anda de cidade em cidade apresentando seus números.

Com o Renascimento, três séculos depois, o Teatro deixou de ser tão perseguido pela Igreja. As artes floresciam: pintura, arquitetura, música. O homem passou a ser o objeto de interesse dessas artes, e não mais os deuses (ou, no caso da Igreja católica, o Deus). Foi a época de artistas muito importantes, como “Da Vinci” (que pintou a “Gioconda” ou Mona Lisa) e “Michelângelo” (que pintou a capela Cistina).

Por essa época surgiram os teatros parecidos com os de hoje, casas com palco e platéia, e também a ópera, mistura de música com teatro. A Itália foi o palco de um gênero chamado “Commedia dell’arte”.

Os atores da “Commedia dell’arte” eram muito versáteis: cantavam, dançavam, representavam, faziam malabarismos, contorcionismos, dentre outros. Tudo para agradar seu público! Eles também formavam trupes que iam de cidade em cidade, e nunca decoravam nada, sempre improvisavam as peças.

Esses atores faziam sempre os mesmos papéis, tão famosos que você já deve ter ouvido falar neles: Polichinelo, Arlequim, Colombina, Coringa, Pantaleão... Cada papel tinha uma máscara, que cobria só a parte de cima do rosto. Ainda hoje, podemos ver peças inspiradas nesses personagens maravilhosos. No Brasil, eles viraram até tema de carnaval!

E por falar em maravilha, todo mundo também já deve conhecer a frase “Ser ou não ser, eis a questão.” Mas será que todo mundo sabe quem a escreveu? Pois foi um dos maiores mestres que o teatro já conheceu, o bardo (poeta) William Shakespeare. Shakespeare nasceu em 1564, na Inglaterra, na cidade

de Stratford-upon-Avon, e foi um apaixonado pelo teatro. Escreveu várias peças e ficou muito conhecido, tendo inclusive a honra de apresentar suas obras nos palácios dos reis, coisa que não era para qualquer um!

Ele também construiu um teatro em forma de globo e que está de pé até hoje em Londres, o “Globe Theatre”. Mas ficou famoso mesmo por suas peças, imortais, que retratavam os tipos humanos como nunca nenhum autor conseguiu fazer depois dele. Algumas de suas peças mais conhecidas são Romeu e Julieta, Hamlet e Sonho de uma Noite de Verão. Aliás, a tão famosa frase “Ser ou não ser...” é da peça Hamlet.

Depois de Shakespeare, o teatro nunca mais seria o mesmo.

De fato. Neste sentido, a Companhia de Teatro GTAM, do Assentamento Missões, comprovou que Shakespeare estava certo em trabalhar o lado humano do ser, pois mostrou que novos conceitos podem ser trabalhados e que, portanto, “um outro teatro é possível”.

Com a Peça “Ocupar, Resistir, Produzir” e um elenco de 14 atores e atrizes em cena, esta Companhia de Teatro encerrou este ato ampliando conceitos no sentido de mostrar a homens e mulheres, crianças e jovens, índios e gringos, afros e orientais, que “Um outro mundo é possível” se a gente quiser.

*“A mostra nos mostrou que o campo tem capacidade de produzir cultura. Nós mesmos nos descobrimos.” (Um Artista da Caminhada)*

## 4º ATO

Já se falou tanto do teatro do lado de cá do mundo, mas... e o teatro oriental? (Fazendo-se uma analogia às próximas apresentações que suceder-se-iam, já que os respectivos grupos não faziam parte da mostra por não pertencerem ao PVR mas, contudo, participaram da mesma como convidados especiais.)

No Oriente existem formas maravilhosas de fazer teatro. Algumas delas são típicas do Japão, como o teatro Nô e o Kabuki. Tanto um como o outro são encenados da mesma forma há mais de mil anos. A natureza é o tema principal de suas peças, que também contam histórias do folclore de seu povo. As roupas são muito bonitas e ricas, e os atores usam bastante maquiagem, tanto que os japoneses ficaram feras na maquiagem para teatro!

Como no Teatro Grego, só os homens podem atuar. Os papéis também são fixos, isto é não mudam, como na “Commedia dell’arte”, e os atores estudam muito para representar seus papéis com perfeição. Quando uma pessoa vai assistir a uma peça Nô ou Kabuki, não vai para ver a história, que ela já sabe qual é, mas para ver o trabalho dos atores. Muitos deles representam um único papel a vida inteira!

Na Índia, o teatro está muito ligado à dança. Os atores também estudam muitos anos e dão especial atenção à expressão do corpo, através dos gestos e do movimento de cada parte do corpo, até mesmo dos olhos!

Cada gesto tem um significado especial para as histórias, que contam quase sempre passagens da mitologia indiana, e são muito, muito antigas. Uma das mais importantes se chama Ramayana, e conta a história do rei Rama. Na China, o teatro e o canto estão sempre juntos. Tanto que uma das formas mais conhecidas desse teatro é a ópera de Pequim, onde os atores também usam maquiagens especiais, como os atores japoneses.

E, em seguida, para encerrar este ato, apresentou-se o Grupo Municipal de Teatro de Dois Vizinhos que deu também o seu recado com a peça infantil, “Adriana Banana”.

Seu elenco de 6 atores e atrizes, muito bem lembrou com esta peça que a criatividade das crianças pode e deve ser melhor aproveitada e conseguiu, com graça e beleza, a participação de crianças, jovens e adultos nos diálogos com as personagens.

*“...no teatro podemos pensar e representar tudo que quisermos e até acreditar que nós vamos ter um mundo melhor.” (Uma Artista da Caminhada)*

## 5º ATO

Pois é... com tanta história para contar, dá para perceber que o teatro de hoje é uma arte muito rica, muito misturada. Existe a ópera, o teatro de bonecos, o teatro-dança, os musicais, o teatro de rua, o teatro feito em espaços alternativos como hospitais, como presídios, como o espaço aquele de Jacutinga, enfim, uma mistura daquelas!

Quando apareceu o cinema, há mais de cem anos, muita gente apostou no fim do teatro. Falavam que o cinema iria substituí-lo, porque podia criar histórias com muito mais semelhança com a realidade. Mas isso não aconteceu.

Quem pensava assim não percebeu que o grande barato do teatro é o fato dele ser uma obra de arte viva, ou seja, depende da presença de quem atua e de quem assiste. O teatro é fascinante pois é um jogo da imaginação. Todo mundo está cansado de saber que aquele cenário lá no fundo não é uma floresta... e daí? Naquele momento e naquele lugar, ele vai ser uma floresta para aquelas pessoas que estão participando. Quando a gente vai ao teatro, não quer ver a cena "certinha" e que nunca muda. A gente quer ver o improvisado, o novo, o diferente que vive nos atores e nos olhos de cada platéia.

Neste espírito, o Grupo de Jovens Lírios do Campo do Reassentamento São Francisco de Assis do município de Cascavel, deu igualmente o ar de sua graça.

Com um elenco de 16 atores e atrizes no palco, este grupo representou “Conflito de Gerações”. Peça que retrata o período histórico dos anos 40 aos 2000 e que propõe uma reflexão sobre a propriedade da terra e sobre agroecologia.

*“Não engolimos mais qualquer coisa, agora analisamos tudo antes de executar.” (Um Artista da Caminhada)*

## UMA METÁFORA

Todo esse trabalho, definido e assumido pela Coordenação Geral do PVR, é resultado de um processo de formação de mais de um ano. Processo este que, além de sofrer as desistências de três outros grupos (das Comunidades de Km 8, Vila Rural e Santo Izidoro) por motivos alheios às vontades dos demais, envolveu oficinas de teatro, assessoramento e acompanhamento por parte da ASSESOAR, da UNIOESTE e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão no que tange às atividades desenvolvidas.

Por sua vez, as instituições e comunidades que trabalharam a I Mostra de Teatro do Campo e que em momento algum objetivaram profissionalizar dramaturgos, atores, atrizes ou técnicos, apropriam-se neste momento dos versos de um dos mais importantes poetas da língua inglesa para externar sua satisfação em ter contribuído para este que foi momento inédito aos protagonistas sociais do campo.

Irlandês, nascido em Dublin em 1865, Willian Butler Yeats morreu em 1939. Sua poesia revela um romantismo culto e uma originalidade dramática incomparáveis. Entre os seus poemas, há uma pequena, mas perturbadora, composição que se chama: “He wishes for the Cloths of Heaven”.

Mesmo correndo o risco de cometer um crime literário, uma tradução livre desses versos evoca mais ou menos o seguinte: “Tivesse eu as roupas bordadas do paraíso/ tecidas com luz dourada e prateada/ o azul e o escuro e os negros panos da noite/ e a luz e as metades luzes/ Eu espalharia essas roupas sob os teus pés: Mas, sendo pobre, tenho apenas os meus sonhos/ Eu tenho espalhado os meus sonhos sob os teus pés/ Por isso, pise suavemente; afinal, você está andando sobre os meus sonhos”.